

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA - INHIS

KENIA MORAES GOMES

SABERES INDÍGENAS PARA NÃO INDÍGENAS: UM INVENTÁRIO CULTURAL

UBERLÂNDIA

2024

KENIA MORAES GOMES

SABERES INDÍGENAS PARA NÃO INDÍGENAS: UM INVENTÁRIO CULTURAL

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Patrícia Emanuelle Nascimento

UBERLÂNDIA

2024

KENIA MORAES GOMES

SABERES INDÍGENAS PARA NÃO INDÍGENAS: UM INVENTÁRIO CULTURAL

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Patrícia Emanuelle Nascimento

Data da defesa: 21 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Doutora Patrícia Emanuelle Nascimento (UFU)

Orientadora

Prof.^a Doutora Iara Toscano Correia (UFU)

Examinador

Prof. Doutor Gilberto César Noronha (UFU)

Examinador

Dedico esta monografia à minha mãe, Ana Maria.

Dedico também a algumas estrelas que neste momento estão lá no céu porque infelizmente já se foram deste mundo: minha querida avó Marlene (a melhor avó do mundo!) de quem sinto tanta falta que o peito chega a doer e as lágrimas vem com facilidade ao escrever essas palavras. E ao meu grande amigo e meu anjo Carlos Prestes Ferreira Júnior, que se foi tão cedo, mas está sempre presente no meu pensamento.

Em memória de Bruno Oliveira, Dom Phillips e de todos os ativistas e indígenas que perderam suas vidas defendendo à causa indígena. A impunidade não pode prevalecer diante de tantas vidas inocentes perdidas.

Em memória também do indígena Pataxó Galdino Jesus dos Santos, cujo destino trágico marcou para sempre a história de Brasília.

Aos protagonistas desta monografia: os povos indígenas. Dedico toda a minha reverência a vocês, os verdadeiros donos do Brasil!

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo a Deus por estar viva, pois minha turma começou a graduação duas semanas antes da UFU parar tudo para a quarentena de COVID-19. Felizmente não perdi nenhum membro da minha família (até agora) para essa doença fatal. Tomar a vacina também ajudou, e viva o SUS!

Quero agradecer muito aos meus pais, que me ajudaram a viver esse sonho louco de morar e estudar em outro estado (sou de Brasília com muito orgulho!), e correrem atrás de um apartamento para mim, para que eu pudesse ter privacidade e que eles também pudessem me visitar de vez em quando.

Aos mestres (na verdade, Doutores): Gilberto Noronha, Ivete Batista, Jean Abreu e Newton Dângelo. Cada um deles foi importante para mim em algum momento da minha trajetória acadêmica. Uma salva de palmas a vocês.

Um agradecimento muito especial para minha orientadora, Patrícia Emanuelle. Muito obrigada pela valiosa orientação. Se cheguei até aqui, não foi caminhando sozinha, e sim com você ao meu lado, me orientando a corrigir os erros e me ajudando com uma vasta bibliografia. Nunca tinha visto um orientador fazer isso. Obrigada.

Na UFU fiz amigos. Poucos, é verdade, mas uma em especial merece destaque: minha amiga Kimberly Duarte. Obrigada, amiga! Como únicas estudantes da 47 que escolheram cursar somente o Bacharelado, nos unimos contra o mundo! Rimos muito, nos ajudamos, contamos histórias, passeamos, almoçamos juntas, vivemos altas aventuras no Rio de Janeiro (cortesia do Newton!), enfim, minha vida acadêmica não teria sido a mesma sem você.

Na verdade, tem outra amiga muito especial para mim: minha grande amiga Ana Marília, a qual sempre me apoiou e foi a melhor surpresa da turma do matutino de 2022 da disciplina de “Centros de Documentação, Arquivos e Museus”, uma turma composta só de meninas! O mundo é mesmo das mulheres...

E por último, mas não menos importante: aos colegas do “Projeto Digitalizar”. Se hoje posso encher a boca e dizer que aprendi a restaurar livros do século XIX, foi graças a vocês. Duda, adorei te conhecer amiga! Também aprendi muito no tempo que ficamos no CDHIS. Foram tardes memoráveis, respirando o cheiro de livros antigos, limpadou e colando

delicadamente folhas e descobrindo mais um pouco sobre o passado do Oeste de Minas. E claro, me diverti dando muitas risadas com todos vocês. Sem querer desmerecer ninguém, mas preciso dedicar um agradecimento especial à Nayara Rocha e ao professor Gilberto Noronha. Tudo começou com nós três e incontáveis reuniões. Depois o projeto ganhou vida própria, se expandiu tanto que virou até um artigo publicado. Que orgulho de ter feito parte disso!

“Historiadores de respeito deste país, como Sérgio Buarque de Holanda, sempre reconhecerem que seria impensável a fundação da nacionalidade e da ideia de Brasil se ela não estivesse apoiada na riqueza cultural e material, na grande herança que nós, os povos indígenas, legamos. Não fizemos isto de livre e espontânea vontade, pois fomos esbulhados na maioria das vezes por relações de desigualdade e de roubo.”

Ailton Krenak

Resumo

Esta monografia apresentará a influência que nós, não indígenas, assimilamos dos povos originários do Brasil. Esta influência estende-se na alimentação, no conhecimento e no uso de plantas medicinais, em alguns objetos utilizados no nosso cotidiano e até na Língua Portuguesa. Também será abordado a literatura contemporânea indígena que vem ganhando cada vez mais visibilidade, como um instrumento na qual os povos indígenas contam, eles mesmos, sua história. Aprendemos na escola que os povos indígenas foram importantes para a formação da população brasileira devido a miscigenação com o branco europeu e o negro africano, além de ganharmos no nosso vocabulário algumas poucas palavras oriundas do Tupi e alguns alimentos que consumimos atualmente. E só. Geralmente, os livros didáticos, majoritariamente escritos por pessoas brancas, não dedicam muitas páginas aos primeiros habitantes do país. Será que é só isso que devemos aprender? Um estudo bem superficial dos povos indígenas? A resposta é não. Esta monografia irá mostrar influências indígenas mais além do que a composição da população brasileira. A metodologia aplicada será baseada na pesquisa bibliográfica através de fontes escritas tais como livros e artigos. Também será empregado o uso de fontes iconográficas, como fotografias e um mapa com o objetivo de ajudar na visualização do tema.

Palavras-chaves: povos indígenas, Brasil, história, não indígena, saberes ancestrais.

Abstract

This monograph will present the influence that we non-indigenous people have assimilated from the original peoples of Brazil. This influence extends to food, the knowledge and use of medicinal plants, some objects used in our daily lives and even the Portuguese language. We will also look at contemporary indigenous literature, which is gaining more and more visibility as an instrument in which indigenous peoples tell their own story. We learned at school that indigenous peoples were important for the formation of the Brazilian population due to miscegenation with white Europeans and black Africans, as well as adding a few Tupi words to our vocabulary and some of the foods we eat today. And that's it. Generally, textbooks, mostly written by white people, don't devote many pages to the country's first inhabitants. Is that really all we should learn? A very superficial study of indigenous peoples? The answer is no. This monograph will show indigenous influences beyond the composition of the Brazilian population. The methodology adopted will be based on bibliographical research using written sources such as books and articles. It will also use iconographic sources such as photographs and a map to help visualize the theme.

Keywords: indigenous peoples, Brazil, history, non-indigenous, ancestral knowledge.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Conhecimentos tradicionais indígenas: alimentação e usos medicinais das plantas.....	13
1.1. Alimentação.....	14
1.2. Pesca.....	17
1.3. Usos medicinais das plantas.....	18
Capítulo 2 – A cultura material.....	22
2.1. Cerâmica.....	23
2.2. Trançado.....	25
2.3. Ornamento corporal.....	27
2.3.1. Arte plumária.....	27
2.3.2. Colares e acessórios.....	30
2.3.3. Adorno auricular.....	32
2.4. Tecelagem.....	34
2,5. Instrumentos musicais.....	35
2.6. Canoa e remo.....	37
Capítulo 3 - Língua, palavras e literatura.....	41
3.1. Línguas indígenas.....	41
3.2. Palavras originárias do Tupi.....	46
3.3. Literatura contemporânea indígena.....	48
Considerações finais.....	52
Referências Bibliográficas.....	54

Introdução

Todo aluno aprende nas aulas de História que os principais grupos étnicos que formaram a população brasileira são o indígena, o branco europeu e o negro africano. Entretanto, a participação dos negros e indígenas na História ensinada nas salas de aula é muito limitada. Aliás, foi preciso a instituição de uma lei¹ para obrigar as escolas a ensinarem sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

O estudo da história dos povos originários até pouco tempo atrás era tão irrelevante que aos alunos era ensinado que sua história começava em 22 de abril de 1500, quando Pedro Álvares Cabral chegou ao país, sendo citados até o período de transição entre a escravidão indígena e o início da escravidão dos africanos. Depois disso, os povos indígenas praticamente “desaparecem” das páginas da História e não são mais mencionados nos livros. O que se segue a seguir é o desenvolvimento da história da população branca no país, seja o do imigrante europeu ou de seus descendentes e de como eles ajudaram a construir o Brasil.

O estudo da história da humanidade até hoje é realizado sob o ponto de vista europeu (eurocentrismo). E, devido ao fato de o país ter sido colonizado por europeus, a historiografia que predominou no Brasil foi a europeia. Até mesmo a história do país foi produzida nos primeiros quatro séculos pelo ponto de vista do branco colonizador, em detrimento da desvalorização e apagamento da história e da cultura indígena.

E além do apagamento dessa história, o colonizador também se apropriou da cultura indígena de maneira indevida, apresentando-a do modo que achou mais conveniente, sem é claro, dar o devido reconhecimento aos povos indígenas e o protagonismo que lhes é correspondente.

Portanto, o objetivo desta monografia é desconstruir esse apagamento e evidenciar que a cultura indígena ainda é muito presente e exerce uma grande influência na vida dos não indígenas.

No primeiro capítulo serão apresentados alimentos que sempre fizeram parte da dieta dos povos indígenas e que foram incorporados aos hábitos alimentares dos não indígenas.

¹ Lei nº. 11.645 de 10 de março de 2008: “(...) estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena’.”

Neste capítulo também será abordado o uso de plantas medicinais e outros produtos da flora brasileira que são utilizados para curar e tratar doenças ou outros males do corpo, e que foram integrados na medicina popular dos não indígenas na falta de atendimento médico ou apropriados de forma indevida pelas indústrias farmacêutica, alimentícia, medicinal e de cosméticos.

No segundo capítulo será desvendado um pouco mais sobre a cultura material dos povos indígenas. Veremos como as diferentes etnias produzem um mesmo artefato e que materiais são necessários para sua confecção. Neste capítulo também será apresentado como os não indígenas agregaram esses objetos à sua cultura e de que maneira passaram a utilizá-los também.

Por último, o terceiro capítulo será desenvolvido como forma de apresentar a influência que as línguas indígenas exercem no modo de comunicação do brasileiro desde o século XVI. Influência cuja presença ainda é muito forte no nosso vocabulário. Para tal afirmação, será exposto um pequeno panorama de palavras da Língua Portuguesa que compõe o léxico do brasileiro, mas que possuem origens advindas do Tupi. E falando sobre língua indígena, quem melhor que os próprios indígenas para contarem sua história? Pois é assim que o capítulo terminará, expondo as novas vozes que apresentam a cultura indígena por meio da literatura contemporânea indígena e detalhando a importância da publicação de obras como essas.

Nesta monografia, serei uma amanajé², mostrando apenas uma ínfima parte do que representa a cultura dos povos indígenas do Brasil.

² Mensageiro em Tupi-Guarani.

Capítulo 1 – Conhecimentos tradicionais indígenas: alimentação e usos medicinais das plantas

“(...) o centro das atenções não deve ser apenas o ser humano, mas o ser humano vivendo em comunidade e harmonia com a Natureza.”³

A influência indígena no cotidiano dos não indígenas é ao mesmo tempo tão notável e tão desvalorizada. Este capítulo apresentará como essa influência se estendeu no cultivo e consumo de alguns alimentos, bem como nos saberes e usos das plantas para fins medicinais. Seu legado, transmitido pelos indígenas geração após geração, foi apropriado e incorporado à vida dos não indígenas sem que muitos saibam de sua origem.

Do manejo da natureza, os povos indígenas conseguem extrair praticamente tudo o que necessitam: água para matar a sede, alimentos, madeira para a construção de suas habitações ou de canoas para navegar nos rios, matéria-prima para a confecção de objetos, ornamentos ou utensílios (para auxiliar na preparação de alimentos ou de rituais) e ervas medicinais para o tratamento de enfermidades. Por isso, a relação dos povos indígenas com a natureza visa o equilíbrio e seu manejo é realizado de maneira sustentável visando com isso, apenas sua subsistência.

O saber etnobotânico para as populações indígenas não fica restrito apenas a alimentação, pois seu conhecimento também é empregado para a obtenção de matérias-primas para a construção de casas, o trançado de objetos com o uso das folhas de palmeiras, o uso de alucinógenos para os rituais, veneno para a caça e a pesca, fabricação de remédios, corantes e etc.

Esses saberes há centenas de anos são apropriados de forma indevida dos povos indígenas sem, contudo, que eles recebam o devido reconhecimento.

Na verdade, a dívida que a humanidade contraiu com o saber etnobotânico do primitivo habitante das Américas está longe de ser resgatada. As

³ ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: Uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2016, p. 27.

principais plantas de que se alimenta, ou que se utiliza industrialmente (...) foram descobertos e domesticados pelos ameríndios.⁴

A capacidade dos povos indígenas de tirar o máximo de proveito do solo sem, contudo, prejudicá-lo, ainda é campo pouco conhecido pelos não indígenas. Se por exemplo, o homem médio vê uma formação vegetal com uma estrutura uniforme, os povos indígenas veem essa mesma vegetação e conseguem classificá-la em várias subáreas: numa região, por exemplo, há “árvores frutíferas que atraem caça, na outra, árvores para sombra, para a obtenção de lenha e até trepadeiras que produzem água potável.”⁵

Para melhor entendimento, tem-se o exemplo fornecido por Diego Soares da Silveira ao trazer o sistema de classificação de paisagens florestais, criado pelos índios Baniwa, que vivem as margens do rio Içana, no noroeste da Amazônia:

A paisagem florestal denominada *mukulirimã*, uma subcategoria da *Edzaua* (Terra Firme), por exemplo, é conhecida por ter um solo propício ao plantio de banana, batata, pimenta e milho; a *kerrerririmã*, pela presença de uma árvore que fornece galhos usados na confecção de canços de pesca e pela predominância de terra amarela; já a *iteuirimã*, paisagem muito presente em igapós (*Arapé*), é identificada pela presença hegemônica do buriti. Nesse sistema de classificação florestal, cada paisagem é identificada pela presença predominante de recursos naturais e tipos específicos de solo.⁶

1.1 - Alimentação

Ao preparar o solo para a agricultura, alguns povos indígenas, como os Tukano do alto Rio Negro (Amazonas), praticam a coivara, um método ainda muito comum hoje em dia, de preparação do solo para o plantio. A coivara “consiste, basicamente na derrubada e queima da mata para utilizar o terreno para cultivo, seguindo-se um período de (...) ‘descanso’ da terra”⁷.

⁴ NEVES, Eduardo Góes. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus.** São Paulo: Global, 2004, p. 199.

⁵ Ibidem.

⁶ SILVEIRA, Diego Soares da. Etnoconhecimentos indígenas e manejo sustentável da biodiversidade. In: SANTOS, Benerval Pinheiro.; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de.; MANO, Marcel. (orgs.). **Cultura e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil: novas contribuições ao ensino.** Uberlândia: RB Gráfica Digital Eireli, 2015, p. 300-301.

⁷ TOFFOLI, Daniel.; MANSUR, Gustavo. Conheça as populações tradicionais residentes no interior da Apa Cairuçu, representando as culturas caiçara, quilombola e indígena. In.: **ICMBio.** Disponível em <https://www.icmbio.gov.br/cairuçu/visitacao/atrativos-culturais.html?showall=1&limitstart=https://www.icmbio.gov.br/cairuçu/visitacao/atrativos-culturais.html?showall=1&limitstart=>. Acesso em 17 fev de 2024.

Isso “mantém a fertilidade inorgânica do solo na medida em que não erradica a totalidade da vegetação que o cobre”⁸.

Dentre as plantas e frutas comestíveis, as que mais se destacam na dieta dos povos indígenas são cacau (*Theobroma cacao*), maracujá (*Passiflora spp.*), jabuticaba (*Mouriria pusa*), mandioca (*Manihot esculenta*), milho (*Zea mays*), batata-doce (*Ipomoea batatas*), abóbora (*Curcubita spp.*), amendoim (*Arachis hypogaea*), pimenta (*Capsicum frutescens*), abacaxi (*Ananas comosus*), mamão (*Carica papaya*), caju (*Anacardium occidentale*), guaraná (*Paullinia cupana*), açaí (*Euterpe oleracea*), banana (*Musa spp.*), cará (*Dioscorea trifida*), pequi (*Caryocar spp.*), feijão (*Phaseolus vulgaris*), castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), guabiroba (*Myrtus mucronata*), jurubeba (*Solanum paniculatum*), pitanga (*Myrtaceae*), goiaba (*Psidium guayava*).

No que se refere a alimentação indígena, a mandioca juntamente com o milho são os principais vegetais que constituem a base alimentar da população. O milho e a mandioca são considerados também a maior contribuição indígena que assimilamos deles no âmbito alimentar.

Originária da América do Sul, a mandioca possui duas variantes que são consumidas pelos povos indígenas: a mandioca amarga (também chamada de mandioca brava⁹), o tipo preferido dos Tupis, e a mandioca doce (conhecida também como mandioca-mansa ou mandioca de mesa).

A mandioca amarga é venenosa, pois contém ácido cianídrico. Para retirar o veneno e torná-la comestível, o tubérculo é

ralado e lavado até ser reduzido a uma massa húmida. A polpa era, seguidamente, espremida no “tipiti” (prensa destinada a extrair a água que continha a substância venenosa), amassada e, depois assada ou torrada em grandes recipientes circulares de barro (assadores). O produto obtido era uma farinha fresca (a farinha-de-pau) que se conservava apenas alguns dias (...).¹⁰

⁸ RIBEIRO, Berta G. A contribuição dos povos indígenas à cultura brasileira. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 212.

⁹ Na indústria, a mandioca “brava”, que tem teores cianogênicos mais elevados, é transformada principalmente em farinha para uso alimentar e em fécula, que, com seus produtos derivados, tem conquistado espaço no mercado de amiláceos para a alimentação humana ou como insumo nas indústrias têxtil, farmacêutica, de panificação, alimentos embutidos, embalagens, cola, mineração e cosméticos. Disponível em: <https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/mandioca>. Acesso em 01 mar 2024.

¹⁰ COUTO, Jorge. **A construção do Brasil** - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 83.

Já a mandioca doce, popularmente conhecida pelos não indígenas como macaxeira ou aipim, por não possuir veneno, é consumida pelos povos indígenas ao ser descascada e assada.

A mandioca é cultivada devido a inúmeras vantagens que possui: cresce em todo o tipo de solo tropical; pode ser armazenada dentro do próprio solo por até 2 ou 3 anos e retirada à medida que haja necessidade; possui mais resistência a pragas e rende muito por metro quadrado. Transformada em farinha, rende inúmeros pratos. Só as tribos indígenas, que vivem no Alto rio Negro, no Amazonas, conhecem 28 pratos feitos com o tubérculo. Os Kayapós preferem comer a mandioca assada, pois não gostam de alimentos cozidos em água quente.

Os não indígenas usam a polpa ralada para fazer tapioca, e a farinha para fazer “bebidas, molhos, beijus, angus, muquecas, paçoca, bolo, bolinhos, biscoito, broas, croquetes, farofas, mingau, pudim, purês, roscas, sequilhos, etc.”¹¹. Sem contar que a farinha de mandioca é alimento-base no prato do povo sertanejo.

Considerado um dos alimentos mais antigos e mais cultivado das Américas, o milho é “consumido em forma vegetal (assado, cozido, feito mingau) e cereal, isto é, triturando-se os grãos secos para transformá-lo em farinha”¹². Entre o milho e a mandioca, os Guarani dão preferência ao milho, que costuma ser consumido cozido ou assado. Aliás, “mais do que uma comida indispensável, o milho rege todo o calendário religioso dos Guarani.”¹³

Com o milho os povos indígenas¹⁴ também fazem canjica, pamonha, pipoca, e com a farinha de trigo, eles misturam carne ou peixe e dão o nome de *paçoka*. Já os não indígenas aprenderam a utilizar o milho nas mais variadas versões tais como: “no preparo de farinhas, broas, bolos, sopas, pães, caldos, cremes, canjicas, pamonhas, cuscuzes e na popular pipoca.”¹⁵

¹¹ RIBEIRO, Berta G. A contribuição dos povos indígenas à cultura brasileira. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 214.

¹² Ibidem, p. 213.

¹³ BENCINI, Roberta.; ALENCAR, Marcelo. A saga dos velhos brasileiros. **Revista Nova Escola**. São Paulo, ano XIV, nº. 121, p.10-21, abril de 1999, p. 19.

¹⁴ Para melhor visualização e entendimento de onde vivem atualmente grande parte dos grupos indígenas brasileiros, veja o mapa da página 42.

¹⁵ MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. 3ª edição revista e atualizada. São Paulo: Callis, 2020, p. 40.

Da fermentação da mandioca ou do milho os povos indígenas fazem o cauim que, dependendo do grupo indígena, pode ser bebido regularmente, ou somente em rituais e celebrações coletivas.

1.1.1 - Pesca

Outra fonte de alimento para os povos indígenas é a pesca que pode ocorrer em rios, lagoas ou até mesmo no mar que “proporcionavam abundantes e concentradas quantidades de peixe, moluscos e crustáceos que os indígenas obtêm com o menor dispêndio de energias e num lapso de tempo mais curto do que o exigido pela caça”¹⁶.

As principais espécies de peixes de água doce que são pescados pelos povos indígenas são o Pirarucu (*Arapaima gigas*), a Piraíba (*Brachyplatystoma filamentosum*), o Dourado (*Salminus brevidens*), o Tambaqui (*Colossoma macropomum*), o Surubim (*Platystomatichthys sturio*), o Tucunaré (*Chicla ocellaris*), o Aracu-Pintado (*Leporinos friderici*) e o Piracambucu (*P. fasciatum*).

Já dentre as principais espécies de peixes de água salgada pescados pelos indígenas são a Tainha (*Mugil lisa*), o Robalo (*C. undecimalis*), o Camurim (*Centropomus pectinatus*), a Corvina (*Micropogonias furnieri*), o Caramuru (*Gymnotorax moringua*), o Timucu (*Strongylura timucu*), a Canhanha (*Archosargus unimaculatus*), a Piracuca (*Epinephelus guaza*) e a Barracuda (*Sphyraena barracuda*).

Para conseguir pescar o maior número possível de peixes, os povos indígenas desenvolveram várias técnicas pesqueiras. Uma delas foi o uso de venenos vegetais como timbó¹⁷ ou tingui que ao ser jogado na água, serve para atordoar ou asfixiar os peixes, fazendo com que estes subam para a superfície, facilitando a pesca com arpão ou com o arco e flecha.

Na ausência de tecnologias ocidentais como anzóis, redes e iscas, o uso desses vegetais demonstrou-se extremamente útil (...). Essa técnica pesqueira e os saberes indígenas associados às suas diferentes aplicações fornecerem, por muito tempo, importante fonte de alimento utilizado na vida cerimonial e comunitária de diferentes sociedades indígenas brasileiras. Nas últimas décadas, no entanto, esse costume está desaparecendo devido ao

¹⁶ COUTO, Jorge. **A construção do Brasil** - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 72.

¹⁷ O peixe envenenado com o timbó pode ser comido sem perigo, pois não é nocivo para o ser humano.

desinteresse dos mais jovens, que passaram a utilizar com mais frequência tecnologia de pesca ocidentais.¹⁸

Muito consumida na Região Norte, a carne de tartaruga possui muita demanda no mercado de carnes exóticas, sendo a Tartaruga (*Testudines*) capturada ou criada em cativeiro de maneira ilegal pelos não indígenas para fins comerciais. Entretanto, para os Javaés, indígenas que vivem no vale do rio Araguaia, a carne da tartaruga é apreciada para consumo próprio, sendo inclusive sua especialidade o preparo de *bèrèti* e do *bòròró*, ambos pratos típicos feitos com carne de tartaruga.

A primeira é feita assando as carnes mais nobres, segundo os Javaé, da tartaruga, enquanto a segunda é feita das vísceras da tartaruga transformadas em uma espécie de caldo no próprio casco do animal. Ao servir sua família, a mulher entrega primeiro aos seus filhos mais novos as partes mais nobres da carne e a parte mais caldosa do *bòròró* em um prato, deixando para seus irmãos, marido, pais e para si as outras partes, menos nobres e que estavam no fundo do casco da tartaruga.¹⁹

1.2 - Usos medicinais das plantas

O conhecimento etnobotânico que os povos indígenas possuem para tratar enfermidades, faz com que a natureza seja considerada a farmácia indígena. “Todos na comunidade indígena têm conhecimento sobre as plantas e as ervas medicinais”²⁰, além de seus saberes serem transmitidos geração após geração. Esses saberes foram muito útil para a indústria farmacêutica que, apossou-se desses conhecimentos indevidamente, por meio da biopirataria²¹, sem legitimar os donos desses saberes.

Três quartas partes das drogas medicinais prescritas atualmente derivam de plantas que foram descobertas através do conhecimento dos povos indígenas.

¹⁸ SILVEIRA, Diego Soares da. Etnoconhecimentos indígenas e manejo sustentável da biodiversidade. In: SANTOS, Benerval Pinheiro.; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de.; MANO, Marcel. (orgs.). **Cultura e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil**: novas contribuições ao ensino. Uberlândia: RB Gráfica Digital Eireli, 2015, p. 305.

¹⁹ PEREIRA, Tamiris Maia Gonçalves. **Saberes e fazeres Javaé**: estudo das práticas tradicionais alimentares indígenas, da década de 1990 a 2020. 2020. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020, p. 271.

²⁰ MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. 3ª edição revista e atualizada. São Paulo: Callis, 2020, p. 124.

²¹ A biopirataria consiste no roubo de animais, plantas e conhecimentos tradicionais para fins de exploração comercial sem o consentimento ou controle do país de origem e das comunidades locais. Fonte: Almanaque Brasil Socioambiental 2008.

(...) Os povos indígenas não receberam nem o reconhecimento nem o respeito por sua contribuição à saúde e o bem-estar da população mundial.²²

Inúmeras espécies vegetais foram também apropriadas pelo colonizador europeu e passaram a ser produzidas para fins comerciais, tendo como exemplos famosos o pau-brasil (*Paubrasilia echinata*), árvore originária da Mata Atlântica, que foi exaustivamente explorada pelo colonizador português no início do Brasil Colônia, e a borracha (*Hevea brasiliensis*), planta nativa da Amazônia cuja muda foi contrabandeada para a Indonésia, no qual resultou na perda da exclusividade do Brasil como único exportador do produto no século XIX.

Mas a utilização das plantas para usos medicinais ainda é muito comum hoje em dia. A população rural que tem acesso precário a médicos (ou muitas vezes, nenhum), recorre aos conhecimentos indígenas de plantas medicinais para curar suas enfermidades. Os saberes indígenas no trato e no conhecimento de plantas medicinais ajudou na disseminação e incorporação desses saberes na medicina popular brasileira.

O pinhão-de-purga (*Jathropha curcas*) utilizado como purgante, deve ser ministrado com precaução pois se usado em excesso, pode levar o indivíduo a óbito. Plantas como a salsaparrilha (*Herreria salsaparilha*) e taiuiá (*Cayaponia tayuya*) também são utilizadas como purgantes. O jaborandi (*Pilocarpus pennatifolius*) é empregado como sudorífero e depurativo.

A guaxima-roxa (*Urena lobata*) tem propriedades como sedativo, a samambaia-verdadeira (*Pteridium aquilinum*) como antirreumático, a auíba (*Xylosma benthamii*) é utilizada como antidiarréico e a paricá (*Piptadenia peregrina*) é um tipo de rapé destinado a inalação.²³

Segundo Mary Del Priore, durante o período colonial no país, as mulheres indígenas eram acusadas de praticar diversos métodos abortivos, um deles era beber chá da folha de arruda (*Ruta graveolens*).

Não é sem razão que os viajantes do século XIX registraram a presença de tantos vendedores de arruda das pequenas e grandes cidades do Brasil,

²² NEVES, Eduardo Goés. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus.** São Paulo: Global, 2004, p. 199.

²³ COUTO, Jorge. **A construção do Brasil - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos.** Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 82.

quando se sabia da tradicional reputação de esterilidade e aborto que provocava a infusão de suas folhas.²⁴

O tabaco (*Nicotiana tabacum*) é usado para fins terapêutico medicinal pelo pajé ao fumar a planta com um cachimbo e assoprar a fumaça sobre os doentes. Jorge Couto afirma também, que alguns povos indígenas tinham o hábito de “fumar tabaco enrolado em folhas de palmeira para minorar a fome”²⁵.

Conhecedores dos efeitos tóxicos das plantas, os Kayapó, da aldeia Gorotine, cultivam plantas que são consumidas cremadas, tal como o tabaco (...), ao que juntam folhas de amendoim (...), de gengibre (...) socadas, para que o cigarro fique menos tóxico, ao ser fumado em um pito longo.²⁶

Ao ser difundido no mundo pelo não indígenas, o tabaco passou a ser um dos artigos mais lucrativos da indústria.

Há outras plantas medicinais de origem indígena que possuem princípios ativos muito cobiçados pela indústria farmacêutica, tais como:²⁷

- Ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha*), utilizada pelos povos indígenas para curar diarreias sanguíneas. De seus ativos se extrai o cloridrato de emetina;
- Copaíba (*Copaifera*), usado para curar feridas e outras enfermidades. Foi muito utilizado no século XVIII para curar males do aparelho urinário;
- Quinina (*Chichona*), usada em larga escala como antimalárico até 1930. De seus derivados extrai-se a cloroquina;
- Curare (*Chondodendrum tomentosum e Strychnos toxifera*), usado pelos povos indígenas como veneno de flechas (mata por paralisia). Dos seus compostos extrai-se a d-Tubocararina, usada em cirurgias do coração;
- Coca (*Erythroxylum coca*), usada pelos povos indígenas como estimulante, da obtenção da cocaína fabrica-se anestésicos locais;
- Guaraná (*Paullinia cupana*), um conhecido estimulante, seu uso pelos não indígenas aumenta a cada dia.

²⁴ DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1989, p. 55.

²⁵ COUTO, Jorge. **A construção do Brasil - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos**. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 86.

²⁶ CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas medicinais e o sagrado: A etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. 1ª edição, São Paulo: Ícone, 2014, p. 137.

²⁷ As plantas citadas a seguir foram retiradas do livro: RIBEIRO, Berta G. A contribuição dos povos indígenas à cultura brasileira. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: Global, 2004, p. 204-205.

O urucum (*Bixa orellana*) era utilizado pelos povos indígenas como “repelente de insetos, além de agir como filtro da radiação ultravioleta de espectro solar”²⁸. Para isso, eles extraíam a tinta vermelha obtida do óleo das sementes e se untavam. Atualmente, é utilizado pelos povos indígenas para pintura corporal e tingimento de objetos artesanais. Seu uso também é empregado como corante nas indústrias de cosméticos e alimentação.

A erva-mate (*Ilex paraguariensis*), cultivada e difundida pelos Guarani “que a utilizam fresca, para fins medicinais e, seca, para fazer chá e chimarrão. Atualmente, o chá mate está penetrando nos mercados mundiais, como sucedâneo do chá preto e do café”²⁹.

Diante de vários exemplos, pode-se perceber que os saberes indígenas encontram-se bem incorporados na sociedade brasileira no que tange à alimentação e ao uso das plantas para o tratamento de enfermidades. Entretanto, a influência indígena em objetos muito comuns para os não indígenas também pode ser observada através da cultura material dos próprios povos indígenas. É o que será apresentado no próximo capítulo.

²⁸ CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas medicinais e o sagrado**: A etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. 1ª edição, São Paulo: Ícone, 2014, p. 134.

²⁹ RIBEIRO, Berta G. A contribuição dos povos indígenas à cultura brasileira. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 205.

Capítulo 2 – A cultura material

“A matéria-prima, as técnicas, o ambiente, a organização social, e os conhecimentos mágicos e cosmológicos se revelam nos artefatos, armazenando em si e em situações correlatas, informações que dimensionam a cosmovisão indígena. Vista como mantenedora de identidades étnicas, a cultura material permite desvendar segmentos da vida e, ainda, contribuir para a manutenção do ser e dos saberes indígenas.”³⁰

Vivendo em diferentes biomas do país, os povos indígenas aproveitam os recursos naturais encontrados nesses biomas para produzirem objetos que serão essenciais para sua vivência ou importantes para o seu convívio social, na qual “cada objeto tem sua função, seja utilitário, ornamental ou ritualístico.”³¹

Conhecimentos múltiplos - ambientais, técnicos, éticos, estéticos, mitológicos e rituais - são necessários para fabricar artefatos de uso cotidiano ou ritual. Tais conhecimentos se conectam às matérias-primas empregadas - vegetais, animais, minerais -, o lugar onde podem ser encontradas e a forma de processá-las para produzir artefatos.³²

É através da arte de produzir um objeto, transmitido de geração em geração, que os povos indígenas firmam sua marca, escrevem sua história e estabelecem sua cultura material, dotada de simbolismo. Assim, mediante o estudo desses objetos, obtemos conhecimento sobre o modo de vida dos povos indígenas.

Objetos que, a princípio, para os não indígenas tem caráter artístico, para os povos indígenas são instrumentos de necessidade para o uso no cotidiano ou de afirmação de seus costumes. Neste capítulo será demonstrado a diversidade do modo de produção da cultura material indígena e como ela continua exercendo forte influência na vida e na cultura dos não indígenas.

³⁰ SILVA, Giovanni José da.; COSTA.; Anna Maria Ribeiro F. M. da. **Histórias e culturas indígenas na educação básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 63

³¹ CARNEIRO, Bruna Rodrigues. Arte indígena e cultura material: povos indígenas de Goiás. *In.*: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG, III., 2016, Pirenópolis, GO. **Anais**, Universidade Estadual de Goiás, 2016, p. 03.

³² LAGROU, Els.; VELTHEM, Lucia Hussak van. As artes indígenas: olhares cruzados. **Revista BIB**. São Paulo, n. 87, 3/2018, p. 133-156, 2018 (publicado em dezembro de 2018), p. 134

2.1 - Cerâmica

A criação de artefatos feitos de cerâmica se tornou um marco para os povos originários, pois, segundo Jorge Couto, “(...) desempenharam um papel essencial na evolução civilizacional dos grupos indígenas, permitindo-lhes, nomeadamente, a preparação e conservação de alimentos.”³³

A cerâmica “está presente em todas as sociedades da floresta tropical e ausente entre a maioria dos habitantes do cerrado.”³⁴ Considerada uma atividade realizada por mulheres, sua confecção é feita utilizando-se a argila como matéria-prima.

A argila é geralmente recolhida às margens ou nos leitos dos rios ou córregos. Armazenada em cestos ou folhas de palmeiras, é colocada em lugares frescos para evitar o ressecamento. Depois é depurada de impurezas – fragmentos vegetais, minerais, pequenos seixos – borrifada com água, pulverizada no pilão e amassada.³⁵

Para sua modelagem, os indígenas utilizam materiais como madeira, conchas, ossos de animais e até fibras de vegetais. “No Mato Grosso, os Kadiwéu, pressionando um cordão sobre a argila mole e fresca, conseguem belos desenhos em relevo em suas peças.”³⁶ Após a modelagem, as peças são polidas e colocadas no fogo para que a argila endureça. A última etapa da confecção das cerâmicas consiste na pintura das peças, onde cada grupo indígena ornamenta de acordo com seus próprios padrões de decoração que, inclusive, também são aplicados na cestaria e na tecelagem.

³³ COUTO, Jorge. **A construção do Brasil** - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998. p. 87

³⁴ VIDAL, Lux.; SILVA, Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: Arte e cultura material. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 387

³⁵ RIBEIRO, Berta G. As artes da vida do indígena brasileiro. In: GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (org.). **Índio no Brasil**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994, p. 135

³⁶ MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. 3ª edição revista e atualizada. São Paulo: Callis, 2020, p. 48



Cuias e panelas de barro da etnia Suruí³⁷

Os grupos Pano, da bacia Juruá-Purus, possuem a cerâmica mais refinada produzida por grupos indígenas do Brasil, no que se refere à técnica de confecção, que se assemelha a cerâmica vitrificada. Os seus padrões ornamentais e as cores empregadas (branco, vermelho de vários tons, castanho e negro) são os mesmos que aparecem na pintura corporal e na maioria dos seus artefatos. Do ponto de vista da ornamentação, ganha notoriedade a cerâmica Kadiwéu que, no tocante a técnica oleira é muito mais pobre que a dos vizinhos Terena, do tronco Aruak, e ceramistas por excelência.³⁸

Com a cerâmica, os indígenas podem estocar alimentos para que durem por mais tempo, recolher e armazenar água, cozinhar e comer. Pode ser produzida também para fins ritualísticos ou funerários ao ser utilizada para armazenar as cinzas ou os ossos dos mortos.

Entre os não indígenas a cerâmica também é muito utilizada, pois é comum seu uso como jarras, potes, pratos, panelas e esculturas. Os filtros de barro ainda são muito usuais na

³⁷ Memorial dos Povos Indígenas (Brasília). Foto de acervo pessoal.

³⁸ RIBEIRO, Berta G. Arte indígena, linguagem visual. In: **Revista Ensaios de Opinião**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, n. 7, p. 101-110, 1978. p. 105 Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/arte-indigena-linguagem-visual>. Acesso em 24 mai 2024.

casa do brasileiro. E no Nordeste, as esculturas de argila são objetos indispensáveis do artesanato local.

2.2 - Trançado

Segundo Berta Ribeiro, “a arte do trançado é sem dúvida a arte mais antiga que a humanidade já conheceu. Antecede a cerâmica e está intimamente vinculada à tecelagem.”³⁹ Portanto, os povos indígenas possuem muita perícia na sua confecção.

Ademais,

Os trançados e os grafismos das cestarias têm relação com a memória dos ancestrais e, assim como a literatura, são resultados de observações do mundo, envolvem simbologias e mitologias. No que se refere à confecção, literatura e artesanato também se tocam porque dependem das mãos do escritor e do artesão.⁴⁰

Além de serem utilizadas na alimentação (palmito, castanhas), na produção de óleo (para iluminação ou repelir insetos) e suas madeiras serem usadas para inúmeros fins, as palmeiras são a principal matéria-prima para a produção de objetos trançados, tais como cestas e esteiras. Porém, os indígenas também fazem uso da haste de certas gramíneas no trançado como, por exemplo, a *Arundina*.

Para os indígenas que vivem na floresta tropical é possível conseguir

(...) folhas, fibras e entrecascas de diversas árvores, sobretudo de palmeiras, designadamente a piaçaba (*Attalea funifera*), o jupati (*Raphia vinifera*), o miriti (*Mauritia setigera*), a arumã (*Ischnosiphon ovatus*), a inajá (*Maximiliana regia*), a jacitara (*Desmoncus*), a tucumã, o açai e o babaçu, que eram utilizadas como matérias-primas na confecção de cordões, cordas, fios, espremedores de polpa de mandioca (tipiti), peneiras, abanos de fogo, diversos tipos de cestos (cesto-coador, aturá, cesto-cargueiro), gaiolas e armadilhas de pesca.⁴¹

Já os indígenas que vivem nos campos, principalmente do Tronco Jê (como os Kayapó, Xavante, Krenak e Bororo) cujos antepassados não conheciam a cerâmica e a tecelagem,

³⁹ RIBEIRO, Berta G. Arte indígena, linguagem visual. In: **Revista Ensaios de Opinião**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, n. 7, p. 101-110, 1978. p. 109 Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/arte-indigena-linguagem-visual>. Acesso em 24 mai 2024.

⁴⁰ SOUZA, Márcia de.; CUNHA, Suzi Laura da.; PIOVEZANNA, Leonel. Espaço criativo: proposições do “cesto literário” na escola indígena. In: **Revista de Ciências Humanas**. Frederico Westphalen, RS, v. 23, n. 3, set/dez, 2022, p. 107

⁴¹ COUTO, Jorge. **A construção do Brasil** - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 86

aprimoraram a arte do trançado “(...) uma vez que a cama (esteira), a tipóia para carregar a criança, o cesto para trazer produtos da roça, as máscaras de dança e os adornos de corpo e os recipientes são todos trançados”.⁴²



Cestos cargueiros da etnia Mbya Guarani⁴³

É realizando trançados e confeccionando cestarias que os indígenas imprimem nos objetos padrões decorativos de acordo com a etnia a que pertencem. Os Hupda, que vivem no

⁴² RIBEIRO, Berta G. Arte indígena, linguagem visual. In: **Revista Ensaio de Opinião**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, n. 7, p. 101-110, 1978. p. 104 Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/arte-indigena-linguagem-visual>. Acesso em 24 mai 2024.

⁴³ Memorial dos Povos Indígenas (Brasília). Foto de acervo pessoal.

Alto Rio Negro, se destacam como grandes especialistas na fabricação de cestos⁴⁴. Entre os Munduruku e os Wayana são os homens que fazem a cestaria, sendo o cesto-cargueiro o objeto mais importante de suas confecções, com os quais presenteiam suas esposas e filhas solteiras. Os Yanomami costumam fazer “cestos rasos, muito resistentes para usar em suas pescas. Os Tukano trançam o mesmo cesto para fazer armadilha para animais ou para transportar grandes volumes.”⁴⁵

Os não indígenas também utilizam objetos trançados, como cestos para carregar ou guardar objetos, esteiras, colares e pulseiras. A palmeira da piaçaba é muito explorada para a fabricação de vassouras que são vendidas em grande escala. É comum também mulheres irem à praia portando bolsa de palha trançada. Além disso, o chapéu de palha é item obrigatório para muitos trabalhadores rurais que trabalham constantemente debaixo de sol forte, assim, como é um artigo indispensável para os participantes dos festejos das tradicionais festas de São João.

2.3 – Ornamento corporal

Os ornamentos corporais com os quais os indígenas enfeitam o corpo não são apenas objetos de embelezamento. São na verdade, instrumentos que identificam sua etnia, seus costumes, seu gênero e seu *status* na hierarquia social. Seus adereços além de contribuírem para o fortalecimento da identidade das etnias indígenas, “carregam o traço das tradições ancestrais e são testemunhas da diversidade cultural e da riqueza artística presentes no território brasileiro”.⁴⁶ A seguir, será apresentado apenas três de alguns ornamentos importante para os indígenas.

2.3.1 - Arte plumária

A arte plumária pode ser definida como o trabalho feito pelos indígenas com penas ou plumas de aves. É considerada uma das artes mais antigas praticada pelos povos originários⁴⁷,

⁴⁴ Os Tuyuka não fazem os cestos cargueiros que usam. Eles são fabricados pelo povo Hupda, que entregam aos Tuyuka em troca de outros produtos de sua necessidade, como sal, panelas de alumínio, roupas, farinha e mandioca. In.: RICARDO, Fany. (coordenação). **Povos Indígenas no Brasil mirim**. 2ª edição, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2020, p. 51

⁴⁵ MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. 3ª edição revista e atualizada. São Paulo: Callis, 2020, p. 48

⁴⁶ Disponível em: <https://www.manio.com.br/pages/arte-indigena-brasileiras>, acesso em 14 mai 2024.

⁴⁷ Os mantos tupinambás são considerados a arte plumária brasileira mais antiga preservada. Um dos poucos exemplares ainda existentes no mundo foi recentemente repatriado ao Brasil, devolvido pela Dinamarca, de onde se encontrava desde 1689. “Feito com penas de guará - ave com plumagem na coloração vermelha – amarradas e entrelaçadas pelo cálamo (uma espécie de “caule” das penas) através da tecelagem de uma trama de fios vegetais. As peças eram usadas por pajés durante alguns rituais. Ao todo, outros 10 mantos retirados do

entretanto, ela não é presente em todos os grupos indígenas, e nem todos a utilizam diariamente. Para os Mundurucu, por exemplo, “os adornos são usados apenas em rituais, festividades e depois guardados”⁴⁸. O cocar é o objeto mais conhecido da arte plumária, porém, não é o único pois, além de ornamentos para enfeitar o corpo, como cocares e braçadeiras, a plumária é empregada também na confecção de instrumentos musicais, máscaras para rituais até em armas.

Os adornos plumários (...) podem ser considerados verdadeiros códigos, que transmitem, numa linguagem não-verbal, mensagens sobre o sexo, idade, filiação clânica, posição social, importância cerimonial, cargo político e grau de prestígio de seus portadores. Além de enfeites, portanto, são símbolos e, por isso, usados nos ritos e cerimônias, (...).⁴⁹

Geralmente na produção dos ornamentos plumários os indígenas utilizam penas de suas aves favoritas. Os Bororo, por exemplo, são famosos por utilizar penas azuis. Já os Tupinambás têm grande preferência pelas penas vermelhas de *ibis rubra*. Os indígenas Urubus-Kaapor utilizam “penas e plumas de cerca de 40 pássaros, principalmente anambés (*Cotinga sp.*), saís (*Cyanerpes sp.*), tucanos (*Ramphastus sp.*), mutums (*Crax sp.*) e araras (*Ara sp.*) das mais variadas tonalidades, contexturas e brilhos (...)”⁵⁰

Já as etnias provenientes do tronco Macro-Jê, como os Kayapó, Bororo, Karajá preferem utilizar “longas penas caudais de arara (*Ara sp.*) e aves aquáticas - garça (*Casmerodius albus*), colhereiro (*Ajaja sp.*), jaburu (*Mycteria sp.*) (...)”⁵¹

Brasil então localizado em museus europeus: há peças na Itália, na Suíça, na Bélgica e na própria Dinamarca”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/07/11/manto-tupinamba-devolvido-pela-dinamarca-deve-ser-exposto-ao-publico-em-agosto-no-museu-nacional.ghtml>, acesso em 11 jul 2024.

⁴⁸ TAMANÁ, Luciana Mendes.; NASCIMENTO, Ronélia do. Arte plumária Mundurucu na aldeia nova Mundurucu In.: **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Maio./Set, Vol. 1, n. 8, 2021. p. 68

⁴⁹ VIDAL, Lux.; SILVA, Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: Arte e cultura material. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 395

⁵⁰ RIBEIRO, Berta G. Arte indígena, linguagem visual. In: **Revista Ensaio de Opinião**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, n. 7, p. 101-110, 1978. p. 104 Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/arte-indigena-linguagem-visual>. Acesso em 24 mai 2024.

⁵¹ Ibidem.



Diadema emplumado (cocar) da etnia Kayapó⁵²

Entre os Kayapó é tarefa dos homens confeccionar os adornos plumários. Os Tupinambás saem em grandes expedições atrás das penas para enfeitar seus adornos e, quando não encontram, praticam a *tapiragem*⁵³ nas aves.

⁵² Memorial dos Povos Indígenas (Brasília). Foto de acervo pessoal.

⁵³ “Os indígenas brasileiros desenvolveram a tapiragem, uma técnica para alterar a coloração das penas de aves vivas. Isso envolvia arrancar as penas mais longas nas asas ou na cauda dos papagaios e araras e depois esfregar um composto na pele e nos poros abertos do pássaro. As penas voltam a crescer com uma cor que vai do amarelo ouro ao laranja brilhante, ou mesmo amarelo com manchas avermelhadas.

O composto pode ser um corante vegetal, sangue de sapo ou rã, a gordura de um peixe ou outra mistura. Uma vez feito o procedimento, dizem que as penas continuam a crescer com a mesma cor desejada, elas são novamente arrancadas voltando a crescer.” - Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/o-deslumbrante-manto-tupinamba-de-penas-vermelhas/>. Acesso em 30 mai 2024.

A arte plumária atualmente encontra-se em processo de grandes transformações culturais pois:

A continuidade da expressão plumária pode estar fadada ao desaparecimento, ao mesmo tempo que passa por processos de mudanças. Isso ocorre porque alguns grupos passaram a comercializar seus objetos plumários, e estes vem adquirindo o sentido de objeto decorativo para consumo dos turistas, perdendo assim seus significados e usos tradicionais. Outra ameaça a continuidade da existência das tradições plumárias está na legislação que proíbe aos indígenas abater espécies da fauna silvestre ameaçadas de extinção.⁵⁴

Os não indígenas incorporaram com bastante sucesso a arte plumária dos povos indígenas. Ela pode ser vista e admirada todos os anos durante os desfiles das escolas de samba no carnaval. Não importa em qual lugar ou estado, as penas (sejam artificiais ou verdadeiras) são empregadas para enfeitar fantasias e carros alegóricos em desfiles em que a criatividade e o luxo contam pontos importantes.

Nesse sentido, é necessário destacar também o Festival de Parintins, que ocorre na cidade de Parintins, no estado do Amazonas, um dos maiores festivais folclóricos do país, em que a disputa entre os bois Garantido e Caprichoso se misturam às tradições da cultura indígena. E o uso da arte plumária é empregado com o objetivo de conquistar o público e o júri, tal como nos desfiles das escolas de samba.

2.3.2 - Colares e acessórios

Além da plumária, outro ornamento indígena que chama a atenção por sua beleza e complexidade são os colares. São peças confeccionadas sob tradições ancestrais dotadas de simbolismo.

Como diz a tradição: “se quiseres conhecer um índio olhe o seu colar”, porque em seu pescoço trás seus títulos, habilidades, capacidades e sua formação ao longo de sua vida como membro de uma sociedade. Ao iniciar suas atividades na comunidade, o jovem segue o processo de reconhecimento, segundo a tradição, nas artes de caçar, pescar, coletar, curar, necessárias a sua formação, como maturidade individual. Uma das formas de simbolizar sua capacidade de ação nessa sociedade é a constituição do “Colar”. cada elemento (dente, pedras, sementes, etc.) funciona como um distintivo do índio.⁵⁵

⁵⁴ RETKO, Ana Mairlene Moleta. Arte plumária indígena brasileira. In.: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE 2013**: Produções didático pedagógicas. Volume II, Universidade Estadual de Ponta Grossa: Ponta Grossa, 2013, p. 25

⁵⁵ KARIRI-XOCO, Nhenety. Colar do índio. In: **Cultura digital, Cultura Popular, Blogs, História...** Disponível em: <https://kxnhenety.blogspot.com/2013/04/colar-do-indio.html>, acesso em 23 nov 2024.

O material usado na sua produção é aquele encontrado na região onde os indígenas habitam, mas no geral, os colares são feitos com sementes, fibra vegetal, madeira, ossos e dentes de animais, penas, conchas e miçangas.

Colares e acessórios indígenas feitos com miçangas são muito recentes entre os indígenas devido à escassez de material natural frente a grande demanda. Entretanto, com o uso das miçangas, é possível fazer “diversas colorações e desenhos incríveis únicos, que remetem às texturas e padronagens encontrados na natureza e no ambiente que os cercam.”⁵⁶

Através dos colares e acessórios os povos originários conseguem transmitir sua identidade cultural, além de sua ligação com a natureza. Por exemplo:

(...) os colares feitos de sementes estão ligados à natureza e à fertilidade. Cada tipo de semente possui um significado especial, como por exemplo, as sementes de açaí que simbolizam a força e a vitalidade. Além disso, esses colares são utilizados como amuletos de proteção, trazendo consigo a energia da terra e da vida.⁵⁷

Já os colares feito de miçangas “representam a união e a conexão entre as pessoas. Cada conta colorida carrega um significado único, seja para atrair bons fluídos, energias positivas ao até mesmo afastar o mal.”⁵⁸

⁵⁶ Disponível em: <https://www.manio.com.br/pages/arte-indigena-brasileiras>, acesso em 14 mai 2024.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.manio.com.br/collections/colares-indigenas?page=4>, acesso em 15 jul 2024.

⁵⁸ Ibidem.



Indígena da etnia Pataxó usando um colar de sementes⁵⁹

Os povos que habitam o Alto Xingu são especialistas em confeccionar colares de caramujo. Já os Kanela, que vivem no Nordeste, são referência na confecção de colares de miçangas e sementes “marcados por desenhos geométricos, transmitindo suas origens e a relação com a natureza.”⁶⁰

Os indígenas também fazem colares e acessórios para vender como joias para os não indígenas. Assim, não é difícil de se encontrar colares feitos de sementes ou miçangas sendo usados por não indígenas, que, sem saber da importância cultural daquelas peças, adquirem com o objetivo de ostentar como um acessório de moda.

2.3.3 - Adorno auricular

Além do alargador labial, há algumas etnias indígenas que fazem o uso de adornos auriculares (ambos, conhecidos como botoques – que são discos de madeira inseridos nos furos dos lóbulos das orelhas com o intuito de alargar essa parte do corpo).

⁵⁹ Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/16042023-Cores--lutas--tradicoes-o-STJ-como-campo-de-debate-e-de-afirmacao-dos-direitos-dos-povos-indigenas.aspx>, acesso em 15 jul 2024.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.manio.com.br/pages/arte-indigena-brasileiras>, acesso em 14 mai 2024.



Indígena da etnia Canela-Apanyekrá usando adorno auricular⁶¹

Jorge Couto afirma que durante o início da colonização do Brasil, os indígenas que usavam adornos auriculares, utilizavam “a resina de jatobá ou a madeira de gameleiras, como a ubiragara, a apeíba e embaúba na confecção de adorno, nomeadamente *botoque* (...)”⁶²

Na etnia Xikrín, após alguns dias de seu nascimento, todas as crianças têm suas orelhas perfuradas para a colocação dos botoques, que vão sendo trocados por outros maiores à medida que as crianças vão crescendo. Somente quando elas já são consideradas adultas (após se tornarem pais), que deixam de usar os botoques nos lóbulos das orelhas. Os Kayapó também são muito conhecidos pela tradição no uso dos adornos auriculares.

Berta Ribeiro traz a melhor explanação sobre o simbolismo que permeia o uso dos adornos auriculares entre algumas etnias indígenas:

(...) o adorno auricular (...) tem um simbolismo peculiar. Na infância e na juventude, o indivíduo ouve mais do que fala, isto é, sua atitude é mais passiva do que de comando. (...) a audição corresponde a uma afirmação de passividade, própria de crianças e adolescentes. (...) Isso se subentende pelo

⁶¹ Disponível em: https://img.socioambiental.org/v/publico/canela-apanyekra/canela_13.jpg.html, acesso em 04 jul 2024.

⁶² COUTO, Jorge. **A construção do Brasil** - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 88.

que os próprio Suyá afirmam. Eles sustentam que o lobo da orelha é perfurado de modo que as pessoas possam “ouvir-entender-saber”.⁶³

Não é difícil hoje em dia, encontrar jovens não indígenas que usam alargadores auricular nas orelhas dos mais variados tamanhos, e muitos não sabem que essa “tradição”, na verdade, começou há muito tempo, com os povos originários.

2.4 – Tecelagem

Como dito anteriormente, os povos indígenas campeiros, não possuem tradição com tecelagem. Entretanto, os povos indígenas que vivem nas florestas possuem mais tradição nessa arte por terem à sua disposição uma variedade de materiais para sua confecção.

Eles costumam cultivar algodão (*Gossypium sp.*) para tecer e produzir diversos objetos que utilizam. Com tecidos de algodão é possível sua utilização na

confecção das redes de pescar, nas bolsas e sacolas e nos sacos-cargueiros, executados com ou sem nós. Além desses, as técnicas de tecelagem são empregadas na confecção de redes de dormir, tipoias para levar o filho ao colo ou transporte de objetos, adornos de corpo (pulseiras, braçadeiras, jarreteiras, tornozeleiras, colares, cintos), saia feminina, tanga masculina e suporte para adornos plumários.⁶⁴

As redes de dormir são muito importantes para os povos indígenas, pois são onde eles dormem, descansam e se sentam para confeccionar algum objeto. Elas podem ser feitas não só com algodão, mas também com plantas como o caroá (*Neoglasiovia variegata*) e fio de fibra de palmeiras, como o buriti (*Mauritia sp.*) e o tucum (*Astrocarym sp.*).

Entre os povos indígenas do Alto Xingu, a tecelagem é uma tarefa executada pelas mulheres, com exceção dos Bororo, visto que é uma atribuição masculina a tecelagem com algodão. Os Paraná usam algodão para fazer “cocar, cesto, flechas, cintos, colar e brinco.”⁶⁵

Entre os Araweté:

As mulheres passam muitas horas do dia na produção dos fios de algodão para as redes e as roupas que usam, como os panos de cabeça, a tipoia, a

⁶³ RIBEIRO, Berta G. Arte indígena, linguagem visual. In: **Revista Ensaios de Opinião**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, n. 7, p. 101-110, 1978. p. 107. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/arte-indigena-linguagem-visual>. Acesso em 24 mai 2024.

⁶⁴ RIBEIRO, Berta G. As artes da vida do indígena brasileiro. In: GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (org.). **Índio no Brasil**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994, p. 140.

⁶⁵ RICARDO, Fany. (coordenação). **Povos Indígenas do Brasil mirim**. 2ª edição, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2020, p. 105.

cinta interna e a saia externa que vestem desde pequenas. São elas que fazem a tinta de urucum, utilizada para tingir de vermelho seus panos (...).⁶⁶



Mulher indígena da etnia Kulina com algodão que ela processou⁶⁷

Foi com os Tupi-Guarani que as redes de dormir foram difundidas pelo Brasil. Utilizada desde os tempos coloniais, seu uso até hoje é comum entre os indígenas e os não indígenas. Ela se tornou a “cama” de grande parte do povo sertanejo e das populações ribeirinhas que vivem na região Norte do país. Mas, também pode ser encontrada em todas as regiões do país pois, qualquer pessoa gosta de deitar-se numa rede, seja para dormir, conversar, ler ou ficar de ócio.

2.5 – Instrumentos musicais

A música é uma arte muito presente na vida social de todos os povos indígenas. Ela expressa-se em todos os ritos praticados pelos indígenas, como os rituais que marcam a passagem da infância para a vida adulta, nas cerimônias de casamento ou nas cerimônias

⁶⁶ RICARDO, Fany. (coordenação). **Povos Indígenas do Brasil mirim**. 2ª edição, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2020, p. 105.

⁶⁷ Disponível em: https://img.socioambiental.org/v/publico/Kulina/kulina_17.jpg.html, acesso em 18 jul 2024.

realizadas para se ter uma boa colheita durante o ano. A música também é entoada pelo pajé para afastar os maus espíritos, para curar um enfermo ou para facilitar a passagem do morto do mundo dos vivos para o mundo dos espíritos nos rituais fúnebres. Em todos esses exemplos dados, o canto é sempre acompanhado de instrumentos musicais.

A confecção dos instrumentos musicais é cercada de simbolismo, pois “a matéria-prima de que é feito o instrumento e o lugar do corpo em que é fixado, possuem, também, um significado que varia conforme a tribo e o evento musical.”⁶⁸

O maracá (também conhecido como chocalho) é o único instrumento musical em comum, presente em todos os povos indígenas. Feito com cabaça dos mais variados tamanhos, pode ser recheado com sementes, pequenas pedras ou ossos. Seu uso se dá preso ao corpo ou como um instrumento de mão.



Indígenas da etnia Pataxó usando maracás durante um protesto⁶⁹

⁶⁸ RIBEIRO, Berta G. As artes da vida do indígena brasileiro. In: GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (org.). **Índio no Brasil**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994, p. 141

⁶⁹ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/09/4872900-danca-da-chuva--saiba-o-que-e-o-que-representa-para-os-povos-indigenas.html>, acesso em 24 jul 2024.

O maracá é tão importante entre os indígenas que, em algumas etnias somente o pajé pode tocá-lo em algumas cerimônias. É o caso dos Tupinambá, pois o pajé usa o maracá “em qualquer ocasião em que seja preciso entrar em contato com os espíritos, para homenageá-los durante as grandes festividades comunitárias ou durante as sessões de cura.”⁷⁰

Entre os Kayapó, o maracá é dado a todos os homens adultos que devem cuidá-lo tão bem como cuidam de uma criança e sem jamais deixá-lo no chão. Sua importância é tão significativa para os Kayapó que:

Quando os índios querem abrir um acampamento ou uma nova aldeia, na floresta, eles penduram dois maracás no lugar que escolheram como centro do novo assentamento e depois abrem a clareira, construindo assim o pátio e o círculo de casas, tendo como referência um ponto central: os maracás, símbolo das dimensões sociais e cosmológicas.⁷¹

Há ainda outros instrumentos como a flauta, que pode ser de sopro ou nasal; o tambor, que é confeccionado pelos Tikuna usando-se casco de tartaruga; o trompete, muito utilizado pelos Munduruku e o zunidor, que possui grande importância para os Kamayurá, pois “acredita-se que o zunidor sirva para espantar os maus espíritos.”⁷² Para o povo Guarani, o maracá, juntamente com outros instrumentos musicais como “rabeça, (...), tambores e bastões de bambu”⁷³ são utilizados no “tratamentos espiritual para males físicos”⁷⁴.

É comum entre os não indígenas fazer música usando os mais variados instrumentos musicais. E os instrumentos usados pelos indígenas, como o tambor e a flauta, por exemplo, também são empregados no processo de criação das músicas, sendo importantes na composição da percussão musical das melodias.

2.6 – Canoa e Remo

Considerado o meio de transporte mais antigo já construído pelo homem, a canoa é considerada o principal meio de locomoção dos povos indígenas. É por meio da canoa que os indígenas se deslocam para outros lugares por meio dos rios, seja para irem pescar em regiões

⁷⁰ VIDAL, Lux.; SILVA, Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: Arte e cultura material. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus.** São Paulo: Global, 2004, p. 393-394

⁷¹ Ibidem, p. 394

⁷² MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio: versão infantil.** 3ª edição revista e atualizada. São Paulo: Callis, 2020, p. 104

⁷³ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/178388>, acesso em 24 set. 2024.

⁷⁴ Ibidem.

mais fundas dos cursos de água, para procurar artigos básicos que lhes faltam, procurar assistência médica ou visitarem outras aldeias.

A canoa é confeccionada utilizando-se o tronco inteiro de uma árvore, que é esculpido e modelado para se transformar no “casco”, a canoa indígena⁷⁵.

O casco é esculpido em um único tronco de árvore com o uso de machado para cortar a árvore, facão para lapidar o tronco, formão e enxó para esculpir a parte interna da madeira. A partir desse processo surge o casco, uma embarcação que carrega em suas linhas habilmente entalhadas a população da Amazônia que habitam às margens dos rios, lagos e igarapés da região desde o surgimento das primeiras populações ameríndias.⁷⁶



Índigena da etnia Yawalapiti navegando com uma canoa feita da casca do Jatobá (*Hymenaea courbaril*)⁷⁷

Durante o século XVI, a canoa era o único meio de transporte dos povos indígenas, assim, os Tupi navegavam nos rios e em trechos do litoral atlântico em canoas “de grandes

⁷⁵ “Nas Terras Indígenas do Xingu (TIX), as canoas e o remo outrora eram usados cotidianamente, mas já faz um tempo que vem dando lugar as embarcações de alumínio e seus rápidos motores. As canoas ainda são vistas nas lagoas, mas, a cada ano são mais raras (...)”. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/canoa-canoa-desce-pro-meio-do-rio-canoa-desce/>, acesso em 12 ago 2024.

⁷⁶ LIMA, Ademar dos Santos.; SOUSA, Rosineide Magalhães de. Povos Indígenas da Amazônia: do caminho da canoa à resignificação das culturas e línguas. **Revista Tellus**. Campo Grande, MS, ano 21, n. 44, p. 31-52, jan./abr. 2021. p. 36

⁷⁷ Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/a-canoa-sagrada-dos-yawalapiti/>, acesso em 13 ago 2024.

dimensões (mais de 30 m) com capacidade para transportar 60 indivíduos - geralmente escavadas em troncos de árvores e movidas a remos ou varas”⁷⁸.

O remo, objeto de madeira empregado para guiar a canoa na direção que o condutor desejar, também pode ser esculpido e pintado com estampas decorativas, fato que tem sido empregado para a venda artesanal como uma peça de decoração.

A canoa ainda é muito utilizada pelos não indígenas. As populações ribeirinhas também a usam como meio de transporte ou para poderem pescar, afinal, “a canoa e o remo são tão úteis aos povos amazônicos da zona ribeirinha para se locomoverem, assim como o carro é para a população urbana das grandes cidades.”⁷⁹ Os barcos pequenos movidos a motor utilizados pelas populações ribeirinhas foram criados com base nas canoas que os indígenas usam. E a canoa também é utilizada como prática desportiva, inclusive, a canoagem é uma modalidade olímpica tendo feito sua estreia nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim.

Neste capítulo ficou demonstrado o quanto a cultura material dos povos indígenas é rica e seu modo de produção e de uso, muito variado. Seus objetos, incorporados ao modo de vida dos não indígenas sem o devido conhecimento de sua origem, ganham uma nova ressignificação ao serem expostos como artefatos museológicos.

Para Glória Kok, a partir do momento em que foram criados museus indígenas, houve uma transformação nesses ambientes que configuraram-se em “espaço de lutas, interlocução cultural, afirmação de identidade, combates aos preconceitos e preservação do patrimônio material e imaterial.”⁸⁰

“A mostra Arte plumária do Brasil (BRASIL, 1980) inaugurou o ciclo das exposições temporárias de artefatos indígenas no país, oriundos de acervos museológicos”⁸¹. E com a criação do primeiro museu indígena brasileiro, o Museu Maguta⁸² (1991), tem início aos

⁷⁸ COUTO, Jorge. **A construção do Brasil** - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 88

⁷⁹ LIMA, Ademar dos Santos.; SOUSA, Rosineide Magalhães de. Povos Indígenas da Amazônia: do caminho da canoa à ressignificação das culturas e línguas. **Revista Tellus**. Campo Grande, MS, ano 21, n. 44, p. 31-52, jan./abr. 2021. p. 39

⁸⁰ KOK, Glória. A fabricação da alteridade nos museus da América Latina: representações ameríndias e circulação dos objetos etnográficos do século XIX ao XXI. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 26, 2018, p. 17

⁸¹ LAGROU, Els.; VELTHEM, Lucia Hussak van. As artes indígenas: olhares cruzados. **Revista BIB**. São Paulo, n. 87, 3/2018, p. 133-156, 2018 (publicado em dezembro de 2018), p. 142

⁸² “Criando em 1991 pelos índios Ticuna, que vivem na região do Alto Solimões, em Benjamin Constant, na confluência dos rios Javari e Solimões, no Amazonas. Este pequeno museu reúne 5 salas de exposição e uma pequena biblioteca.” Disponível em: KOK, Glória. A fabricação da alteridade nos museus da América Latina:

questionamentos colonialistas que permeiam boa parte dos acervos museológicos.

E cada vez mais, surgem museus dedicados a temática indígena como o Museu das Culturas Indígenas (São Paulo - SP); o Museu de Arte Indígena (Curitiba - PR) e o Memorial dos Povos Indígenas (Brasília - DF), apenas como alguns exemplos, em que se tornaram não apenas lugares de guarda e preservação de artefatos indígenas, mas também locais de resistência, de “autorrepresentações, construções de identidade e ‘seus pontos de vista sobre a cultura’, que reverberam no cenário nacional e internacional.”⁸³

Até aqui já foi apresentada a influência indígena na alimentação, nos usos medicinais e agora com a cultura material. Entretanto, essa influência encontra-se mais implícita no cotidiano dos não indígenas do que eles acreditam. A contribuição dos povos indígenas na Língua Portuguesa, nos nomes de objetos, lugares e pessoas será apenas um dos temas que serão abordados no próximo capítulo.

representações ameríndias e circulação dos objetos etnográficos do século XIX ao XXI. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 26, 2018, p. 17

⁸³ Ibidem.

Capítulo 3 - Língua, palavras e literatura

“Meu maior desejo é que haja mais escrita do meu povo, e que nossos filhos a leiam. Eu já disse repetidas vezes que a nossa história seria diferente se tivesse sido expressa por nós mesmos.”⁸⁴

Até pouco tempo atrás, era ensinado aos alunos que os europeus quando chegaram ao Brasil, a partir do século XVI, encontraram indígenas que falavam Tupi. Não é uma afirmação que está totalmente errada, visto que os indígenas Tupinambás habitavam grande parte do litoral brasileiro quando se deu o primeiro contato com os europeus. Mas, é totalmente equivocado acreditar que todos os povos originários falavam somente a língua Tupi, como se todos fossem uma única nação, composta por uma população homogênea.

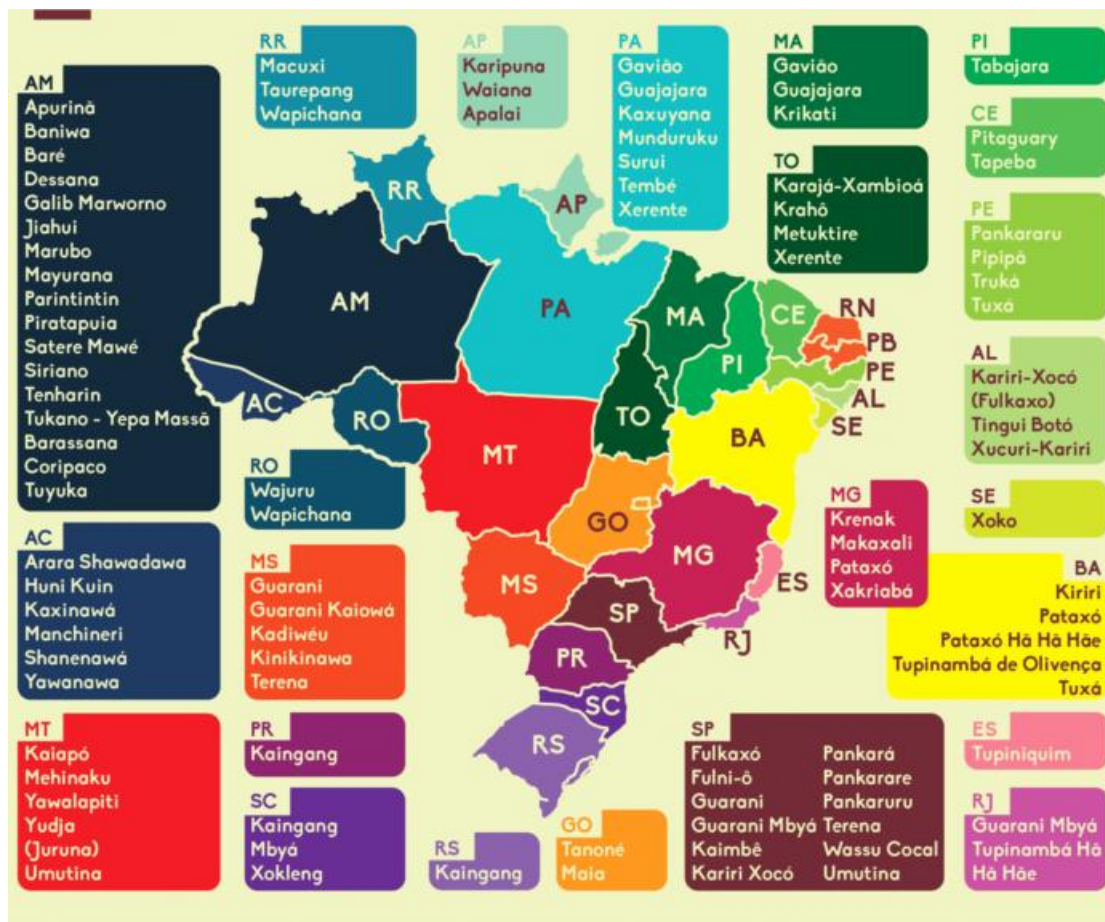
O objetivo deste capítulo será esclarecer tais equívocos, bem como mostrar a forte influência que as línguas indígenas exerceram, e, ainda exercem hoje em dia na Língua Portuguesa. Para finalizar, será apresentado um panorama sobre a literatura indígena contemporânea, a qual ganha cada vez mais visibilidade.

3.1 - Línguas indígenas

Segundo dados do último Censo Demográfico do país, realizado em 2022, há atualmente 1.694.836 indígenas no Brasil⁸⁵. Tais números, na verdade, podem ser maiores se levarmos em conta as populações indígenas que vivem isoladas e sobre os quais pouco se sabe.

⁸⁴ Rita Joe (1932-2007), poetisa e compositora canadense, indígena da etnia Mi'kmaq.

⁸⁵ Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>, acesso em 02 out. 2024



Mapa do Brasil que mostra onde vivem grande parte dos grupos indígenas⁸⁶

Ademais, segundo o Instituto Socioambiental⁸⁷, atualmente existem 278 etnias e “(...) mais de 150 línguas são faladas pelos povos indígenas no Brasil”⁸⁸. Diante desta grande variedade étnica e linguística, é impossível continuar acreditando que os indígenas brasileiros só falam a língua Tupi, uma falácia que foi construída desde que os portugueses chegaram no Brasil.

Há mais povos do que línguas porque alguns desses povos perderam completamente suas línguas. Outros as mantêm integralmente, de forma a atender todas as suas necessidades. Na verdade, eles só passam a precisar do

⁸⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/cidadaniaediversidade/photos/mapa-ind%C3%ADgenaveja-quais-etnias-est%C3%A3o-presentes-no-brasil-ind%C3%ADgena-hist%C3%B3ria-saber/775347909255287/?_rdr, acesso em 15 out. 2024. OBS: O mapa em questão não contempla todos os grupos indígenas brasileiros, mas é um dos mais completos que encontra-se disponível.

⁸⁷ O Instituto Socioambiental (ISA) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público que atua na defesa da diversidade socioambiental brasileira.

⁸⁸ RICARDO, Fany. (coordenação). **Povos Indígenas no Brasil mirim**. 2ª edição, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2020, p. 15

português no momento em que o contato com o branco se torna obrigatório e sistemático.⁸⁹

Portanto, apesar do Brasil ainda hoje ser um país multilíngue, o brasileiro no geral ignora esse “patrimônio linguístico, pois ainda impera no imaginário popular a visão tradicional da existência de apenas uma língua: o português considerado “culto”.”⁹⁰

De acordo com alguns estudiosos, o desconhecimento do brasileiro sobre o seu patrimônio linguístico se deve, principalmente, ao desenvolvimento de uma política linguística direcionada ao monolingüismo, que, sob o ideal de unidade nacional “um povo, uma nação, uma língua”, estabeleceu apenas o português como língua oficial do país (...). Essa estratégia política se originou no período colonial, com a criação do *Directorio dos Índios* em 1757 (...).⁹¹

O objetivo desse processo era fazer com que os indígenas abandonassem sua cultura e suas línguas ancestrais para se tornarem mais semelhantes ao homem europeu, absorvendo seu modo de vida, e também, que o monolingüismo da Língua Portuguesa fosse o único predominante no Brasil.

Felizmente essa política de repressão não foi completamente eficaz, pois apesar de o português ser considerado a língua oficial do Brasil, inclusive determinado pela Constituição Federal de 1988⁹², é devido à resistência dos indígenas que hoje no país ainda se fala mais de 150 línguas indígenas, sendo que povos como os Kulina, Wapichana, Baré, Guajajara, Xavante, Ticuna, Kaingang, Galibi do Oiapoque, Yanomani, Guarani, Macuxi, Ingarikó etc., possuem cada um, mais de 5 mil falantes de suas línguas maternas.⁹³

É preciso esclarecer também que o Tupi não é uma língua e sim um tronco linguístico. O correto seria dizer língua Tupinambá, que tem origem no tronco linguístico Tupi.

⁸⁹ TEIXEIRA, Raquel F. A. As línguas indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus.** São Paulo: Global, 2004, p. 296

⁹⁰ CARNEIRO, Denize de Souza.; PEIXOTO, Virgínia do Nascimento. Povos indígenas e diversidade linguística. In: SANTOS, Benerval Pinheiro.; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de.; MANO, Marcel. (orgs.). **Cultura e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil: novas contribuições ao ensino.** Uberlândia: RB Gráfica Digital Eireli, 2015, p. 256

⁹¹ Ibidem, p. 256-257

⁹² Art. 13, da CF/88: “A língua portuguesa é idioma oficial da República Federativa do Brasil”.

⁹³ Para saber quais os outros povos indígenas que possuem mais de 5 mil falantes, acesse: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>, acesso em 02 out. 2024.

Muitas vezes surgem referências à língua “Tupi-Guarani”, quando na verdade se pretende falar da língua dos índios Tupinambá, ou seja, a língua Tupinambá, Tupi antigo, ou simplesmente Tupi, uma vez que o Tupi Guarani não é uma língua, mas uma família linguística da qual o Tupinambá faz parte.⁹⁴

Deste modo, as línguas indígenas brasileiras podem ser divididas em dois grandes troncos: Tupi e Macro-Jê. O Tronco Tupi possui 10 famílias linguísticas principais com várias subdivisões. Já o Tronco Macro-Jê é composto por 9 famílias principais, também com várias subdivisões. No quadro a seguir, de forma sucinta, estão as principais famílias dos Tronco Tupi e Macro-Jê:

TRONCO TUPI	TRONCO MACRO-JÊ
Tupi-Guarani	Boróro
Arikém	Krenák
Awetí	Guató
Juruna	Jê
Mawé	Karajá
Mondé	Maxakalí
Puroborá	Rikbaktsá
Mundurukú	Ofayé
Ramarama	Yatê
Tuparí	

Para conseguirem se comunicar com os indígenas que encontraram no litoral, os portugueses tiveram que aprender a língua tupinambá. Seus descendentes, na maioria dos casos, filhos com mulheres indígenas, aprenderam também a falar a língua de sua mãe. E os africanos escravizados que chegavam de maneira compulsória ao país, também aprenderam a falar tupinambá, bem como seus descendentes.

Aos poucos, o Tupi foi se modificando e incorporando dialetos de várias outras línguas. Não era mais a língua original falada pelos indígenas, mas sim uma nova língua, que era compreendida e falada por brancos, indígenas, negros e mestiços. Esse novo idioma, ficou

⁹⁴ TEIXEIRA, Raquel F. A. As línguas indígenas no Brasil. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus.** São Paulo: Global, 2004, p. 296-298

conhecido como “Língua Geral” e se tornou o idioma mais falado na América Portuguesa no século XVI.

A Língua Geral tornou-se a língua da comunicação não só dos mestiços e mamelucos, mas também de missionários e colonizadores durante todo o período colonial, estendendo sua hegemonia até a primeira metade do século XIX, apesar de algumas proibições de seu uso.⁹⁵

Existiram na verdade, duas Línguas Gerais no período colonial: a “Língua Geral Paulista” (LGP) e a “Língua Geral Amazônica” (LGA). A Língua Geral Paulista, como o próprio nome já indica, “teve sua origem na língua dos índios Tupiniquim de São Vicente e do planalto de Piratininga (atual Estado de São Paulo), que era um pouco diferente da língua Tupinambá”⁹⁶. Sua disseminação ocorreu por intermédio dos bandeirantes que à medida que iam adentrando o interior do país levavam o idioma para lugares que nunca tinham sido habitados pelos indígenas. Foi por meio dos bandeirantes que “a Língua Geral Paulista penetrou no interior de São Paulo, em Minas Gerais, sul de Goiás, Mato Grosso e norte do Paraná.”⁹⁷

Já a Língua Geral Amazônica “desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, a partir dos Tupinambá, nos séculos XVII e XVIII. Até o século XIX, foi veículo de catequese e da ação social e política portuguesa e luso-brasileira”⁹⁸. A partir do século XIX, a Língua Geral Amazônica passa a ser conhecida como *Nheengatu* e dissemina-se pela Amazônia à medida que aumenta a expansão portuguesa pela região.

A Língua Geral Paulista atualmente encontra-se extinta. Mas, o *Nheengatu* ainda hoje é muito falado na região norte do país, cuja influência alcança a bacia do Rio Negro e estende-se também pela Amazônia colombiana e venezuelana. O *Nheengatu* é uma língua tão importante para a população do Estado do Amazonas⁹⁹ que até a Constituição Federal foi

⁹⁵ CARNEIRO, Denize de Souza.; PEIXOTO, Virgínia do Nascimento. Povos indígenas e diversidade linguística. In: SANTOS, Benerval Pinheiro.; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de.; MANO, Marcel. (orgs.). **Cultura e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil**: novas contribuições ao ensino. Uberlândia: RB Gráfica Digital Eireli, 2015, p. 275

⁹⁶ RICARDO, Fany. (coordenação). **Povos Indígenas no Brasil mirim**. 2ª edição, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2020, p. 21

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ TEAO, Kalna Mareto. Classificação dos povos indígenas pela diversidade linguística: troncos e famílias linguísticas. In.: HARTUIG, Adriana V. G.; ...[etc tal...]. **Cultura e história dos povos indígenas**. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011. p. 104

⁹⁹ Em 2002, o município de São Gabriel da Cachoeira (AM) foi pioneiro ao instituir em uma lei municipal o *Nheengatu* como seu idioma cooficial.

traduzida para esse idioma e, em 2023 foi oficializado juntamente com outras 16 línguas indígenas como idiomas oficiais do Estado do Amazonas¹⁰⁰.

Apesar da Língua Geral ser mais falada que o português no Brasil colonial,

(...) no século XVIII, a coroa portuguesa impôs a sua língua (portuguesa) aos indígenas do Brasil a partir da assinatura do *Diretório dos Índios* por Marquês de Pombal, em 1758. Esse documento ordenava que os indígenas fossem proibidos de falar suas línguas maternas e a Língua Geral e obrigados a se dedicar ao aprendizado da língua portuguesa, que por sua vez, foi intermediado pela escola formal (...).¹⁰¹

E dessa maneira, com a obrigatoriedade do ensino do português aos indígenas e a proibição de falarem sua língua materna, o Brasil sofre uma grande perda do seu patrimônio linguístico, pois, segundo constata Aryon Rodrigues “(...) desde a chegada dos europeus no território nacional 85% das línguas indígenas já foram extintas”¹⁰².

Essa triste realidade também é constatada ao notarmos que muitas línguas indígenas atualmente estão em vias de extinção:

seja porque os povos falantes as estão substituindo por outras línguas majoritárias, seja porque elas podem desaparecer com a própria extinção dos povos indígenas, como alguns deles que estão com o número muito reduzido de seus membros. Certos povos indígenas já perderam suas línguas originais, adotando a de outros povos indígenas ou mesmo o português.¹⁰³

3.2 - Palavras originárias do Tupi

Como já explicado anteriormente, devido ao maior contato dos portugueses com os indígenas que habitavam o litoral do país “o Tupinambá (ou simplesmente Tupi) foi a língua que exerceu maior influência no português através da incorporação ao português de uma série

¹⁰⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/07/21/amazonas-passa-a-ter-16-linguas-indigenas-oficiais-saiba-quais-sao.ghtml>, acesso em 02 out. 2024.

¹⁰¹ CARNEIRO, Denize de Souza.; PEIXOTO, Virgínia do Nascimento. Povos indígenas e diversidade linguística. In: SANTOS, Benerval Pinheiro.; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de.; MANO, Marcel. (orgs.). **Cultura e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil**: novas contribuições ao ensino. Uberlândia: RB Gráfica Digital Eireli, 2015, p. 276

¹⁰² Ibidem, p. 277

¹⁰³ BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006, p. 120

de palavras Tupinambá, principalmente, na fauna, na flora e em nome de lugares.”¹⁰⁴
 “Estudiosos verificaram, por exemplo, que de mil nomes de aves 350 era de designações tupi; 550 peixes, metade é identificada com nomes tupis, e a geografia brasileira é praticamente batizada com nomes nativos.”¹⁰⁵

Certamente o Tupi não foi a única língua indígena a influenciar a Língua Portuguesa, mas, com certeza foi a mais influente com palavras que são corriqueiramente faladas pelos não indígenas durante seu cotidiano.

A seguir, serão apresentadas algumas palavras de origem Tupi que estão presentes em nomes próprios, que dão nomes a animais, frutas e comidas, nomes de lugares e por fim, algumas palavras aleatórias:

- a) Nomes próprios: Iracema, Jacy, Tainá, Yara, Moacir, Jurema, Apoena, Maíra, Janaína, Paraguaçu, Jaçanã, Ubirajara, Aracy, Jussara.
- b) Animais: jacaré, jabuti, urubu, tamanduá, piranha, tatu, perereca, jaguar, siri, capivara, sabiá, tucano, jiboia, seriema, taturana, sagui, arara, sucuri, paca, saúva.
- c) Frutas e alimentos: pipoca, jabuticaba, mandioca, abacaxi, amendoim, tapioca, mingau, guaraná, mangaba, moqueca, caju, paçoca, cupuaçu, pitanga, mocotó, goiaba.
- d) Lugares: Paraná, Ipanema, Anhembi, Curitiba, Iguaçu, Ceará, Tietê, Aracaju, Tocantins, Pacaembu, Guaratinguetá, Barueri, Maracanã, Piracicaba, Cuiabá, Goiás, Itapeverica, Araguaia, Itaquera, Piauí, Itaporã, Butantã, Morumbi, Itanhaém, Xingu, Araraquara, Pará, Ubatuba, Jericoacoara, Amapá.
- e) Palavras aleatórias: maracá, caiçara, pereba, capoeira, pororoca, muquirana, capim, cuia, caboclo, mirim, caipora, samambaia, Iguatemi, gororoba, buriti, curumim, canoa, guri.

No quadro a seguir estão algumas palavras de origem tupi e sua tradução para o português:

Palavras de origem Tupi-Guarani	Tradução em português
Abaporu	Homem que come
Açaí	Fruta que chora

¹⁰⁴ TEIXEIRA, Raquel F. A. As línguas indígenas no Brasil. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luis Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 307

¹⁰⁵ JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998, p. 101

Anauê	Salve, olá
Anhangabaú	Rio do diabo
Anhanguera	Diabo velho ou espírito maligno
Caatinga	Floresta branca
Caipira	Cortador de mato
Caraíba	Homem branco
Carioca	Casa de branco
Emboaba	Pássaro de pernas emplumadas
Ipê	Árvore cascuda
Ipiranga	Rio vermelho
Itamaracá	Pedra que canta
Itamaraty	Água entre pedras claras
Maracajaú	Lugar onde o gato maracajá bebe água
Maracujá	Alimento servido na cuia
Maragogi	Rio dos macacujás
Nheengatu	Fala boa
Pamonha	Pegajoso
Pindaíba	Vara de anzol
Pindorama	Região das palmeiras
Pirarucu	Peixe vermelho
Potiguar	Comedor de camarão
Rio Potengi	Água de camarão
Sambaquis	Amontoado de mariscos
Tambáú	Rio das conchas

3.3 - Literatura contemporânea indígena

Quando se fala em literatura indígena, nosso pensamento logo remete a José de Alencar (1829-1877), o escritor mais importante da fase indianista do romantismo brasileiro, e sua trilogia de livros: *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), no qual o indígena é retratado de forma estereotipada como um herói nacional ou como o “bom selvagem”.

Ficou também registrado na História relatos e crônicas de colonizadores europeus em que descreviam os indígenas de forma pejorativa onde

As inúmeras comunidades indígenas, apesar de distintas, tiveram sua identidade étnica construída por discursos homogeneizantes que ficcionalizaram os nativos ora como bárbaros, selvagens, primitivos, carentes de lei, fé e rei, ora como bons selvagens, inocentes, desprovidos de ganância. Ademais, as culturas indígenas foram vistas como ágrafas, por não se expressarem utilizando alfabeto reconhecido ou escrita valorizada pelo colonizador. Pelo fato de não compartilharem um mesmo centro de percepção do mundo, os índios foram classificados como bárbaros, especialmente porque os colonizadores consideravam-se portadores de uma civilização, da qual os índios se encontravam despojados.¹⁰⁶

Assim, a literatura indígena estudada em sala de aula, estabeleceu uma ideia depreciativa sobre os indígenas na qual sua construção se deu através de

(...) uma imagem caricata e folclórica, basicamente representada, construída e legitimada por escritores não indígenas, uma imagem, uma representação que os colocava como seres do passado, não do presente, como seres menores, pré-modernos, cujo lugar no mundo contemporâneo seria, no máximo, as reservas federais, como animais, junto com os animais, no mais recôndito da floresta.¹⁰⁷

Devido ao fato de não se sentirem representados, ou serem representados como caricaturas ou estereótipos comuns, muitos indígenas decidiram que a história do seu povo deveria ser escrita por eles mesmos. Quem melhor para explicar quem são, como vivem, como surgiu sua história, seus mitos ancestrais e mostrar a sua visão da colonização do que os próprios indígenas? Foi com o objetivo de apresentar os indígenas para além do olhar do homem branco que o ativista indígena Daniel Munduruku¹⁰⁸ decidiu tornar-se escritor “de forma a construir e a publicizar uma imagem dos povos indígenas que fosse formulada, narrada e explicitada por eles próprios”¹⁰⁹.

Faz pouco tempo que as histórias dos povos indígenas ganharam as páginas escritas. Antes disso, sua narrativa era contada por meio da oralidade, transmitida dos mais velhos para os mais jovens. Ainda hoje, seus saberes ancestrais são transmitidos dessa forma. Entretanto, há também outras formas de escreverem sua história:

¹⁰⁶ THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, RS, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. p. 1185

¹⁰⁷ DANNER, Leno Francisco.; DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Revista Remate de Males**. Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul/dez 2018. - p. 927

¹⁰⁸ “(...) escrita e a literatura. Por meio delas, inventaram rivalidades, criaram guerras de extermínio, difundiram estereótipos e preconceitos e, principalmente, dividiram-nos para poderem dominar nossos saberes ancestrais”. - Daniel Munduruku. *In.*: DANNER, Leno Francisco.; DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Revista Remate de Males**. Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul/dez 2018. p. 936

¹⁰⁹ DANNER, Leno Francisco.; DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Revista Remate de Males**. Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul/dez 2018. p. 927

Os povos originários desde sempre escreveram, cada um com seu formato, materiais e linguagens – desde as pinturas rupestres, às tecelagens, colares, cerâmicas, vestimentas, escudos, armas e utensílios em geral, sobretudo o modo especial pelo qual a palavra manifesta no espaço sagrado da ancestralidade, como, igualmente, a mística das pajelanças e a resistência guerreira são retroalimentados nas experiências da Literatura Indígena. (...) Essas autorias são vozes empoderadas, graças ao lugar de onde falam, escrevem e têm as suas origens, histórias, culturas, identidades e sobre(vivências).¹¹⁰

Assim, tem surgido cada vez mais autores indígenas lançando livros que enaltecem suas ancestralidades e que também denunciam o “processo de deslegitimação, de invisibilização, de silenciamento e de extermínio cada vez mais intensificados”¹¹¹ na qual são constantemente submetidos.

Outros exemplos de escritores indígenas são: Olívio Jecupé (*Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena*), Daniel Munduruku (*O Karaíba: uma história do pré-Brasil; Coisas de índio - versão infantil; O banquete dos deuses*); Kaká Werá Jecupé (*A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*); Ailton Krenak¹¹² (*A vida não é útil; Ideias para adiar o fim do mundo; O amanhã não está à venda*), Álvaro Tukano (*O mundo Tukano antes dos brancos*); Ely Macuxi (*Iraty. O curumim da selva*); Eliane Potiguara (*Metade cara, metade máscara; A cura da terra; O pássaro encantado*); Tiago Hakiy (*Guaynê derrota a cobra grande – uma história indígena*); Auritha Tabajara (*Coração na aldeia, pés no mundo*); Davi Kopenawa (*A queda do céu; O espírito da floresta*); Raoni Wasiry (*Guará olho d'água - o caminho dos sonhos*); Eva Potiguara (*Cânticos de uma filha da terra*); Cristino Wapichana (*A boca da noite*); Graça Graúna (*Flor da mata*).

Através da literatura os escritores indígenas contam suas histórias, denunciam a violência e aculturação que seu povo é submetido há milhares de anos, exigem respeito para sua cultura, exaltam o orgulho por suas raízes ancestrais e dialogam com a sociedade

¹¹⁰ RIBEIRO, Ademario. Literatura indígena, ancestralidade e contemporaneidade: Vozes empoderadas. In.: DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando.; DANNER, Leno Francisco. (Orgs.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Autoria, Autonomia, Ativismo**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 78

¹¹¹ DANNER, Leno Francisco.; DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Revista Remate de Males**. Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul/dez 2018. p. 956

¹¹² Em 2024, Ailton Krenak torna-se o primeiro indígena “imortal” ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras.

demonstrando “que é no conjunto das diferenças que encontramos nossa própria identidade”¹¹³.

Portanto, “(...) a literatura indígena é necessariamente uma literatura militante, ativista e engajada em defesa da causa e da condição indígena (...)”¹¹⁴. É por meio da literatura que os povos indígenas encontram meios para res(existir), onde finalmente podem encontrar sua voz, sua vez e seu protagonismo na história.

¹¹³ TEIXEIRA, Raquel F. A. As línguas indígenas no Brasil. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luis Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 310

¹¹⁴ DANNER, Leno Francisco.; DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Revista Remate de Males**. Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul/dez 2018. p. 934

Considerações Finais

Diante do que foi apresentado, é possível compreender que além do apagamento da história e da cultura dos povos indígenas ao longo da história do Brasil, a dominação europeia também trouxe como consequência grandes espoliações do patrimônio cultural, linguístico e material indígena. Consequências que persistem até hoje.

A introdução de alimentos que hoje são considerados essenciais na mesa do brasileiro, mas, que na verdade, já eram consumidos pelos povos indígenas acarretaram no aumento da exploração desses recursos naturais em detrimento dos indígenas. A falácia de que existe “muita terra para pouco índio” é constantemente repetida pelos setores do agronegócio para se apropriarem de terras indígenas, muitas vezes legalmente demarcadas, e aumentarem sua expansão deixando os indígenas habitando territórios muito menores do que o originalmente estabelecido - não sem muita luta e muito sangue derramado.

Muitas plantas secularmente utilizadas pelos povos indígenas para usos medicinais foram apossadas pela indústria farmacêutica, de cosméticos e alimentícia (inclusive, de outros países), sem que os indígenas fossem indenizados ou reconhecidos como os verdadeiros detentores desses saberes ancestrais. A biopirataria é uma das práticas mais lucrativas do mercado, porém, o pagamento pelo uso dos recursos genéticos raramente chega aos verdadeiros detentores desses conhecimentos tradicionais.

A cultura material indígena produz objetos muitas vezes considerados exóticos para os não indígenas. Não é comum que muitos desses objetos sejam traficados e vendidos de forma ilegal no mercado negro ou contrabandeados para fora do país¹¹⁵. O caso do manto Tupinambá, recentemente repatriado ao Brasil, é só um exemplo da pilhagem de artefatos indígenas que é realizada desde que os europeus chegaram ao país.

O pensamento de que o português é atualmente a única língua falada no Brasil é fruto do processo de apagamento da cultura indígena, na qual se sobressaiu a cultura europeia. A implantação, a partir do século XVIII de políticas que obrigaram os indígenas a se submeterem à aculturação tinham como objetivo o “abandono das línguas e dos saberes indígenas e da aquisição da língua e dos saberes da cultura ocidental dominante”¹¹⁶. Ademais:

¹¹⁵ Em 2021, a Polícia Federal doou ao Memorial dos Povos Indígenas (Brasília) quase 9 mil artefatos indígenas apreendidos na Operação Pindorama (2004), que coibiu o contrabando internacional de artefatos indígenas.

¹¹⁶ CARNEIRO, Denize de Souza.; PEIXOTO, Virgínia do Nascimento. Povos indígenas e diversidade linguística. In: SANTOS, Benerval Pinheiro.; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de.; MANO, Marcel. (orgs.).

As práticas coloniais no Brasil exerciam dominação não somente sobre o corpo indígenas, mas (...) de poder sobre o conhecimento e o saber do outro. Portanto, a colonização do saber também representou um instrumento de poder e de domínio especificamente sobre comunidades indígenas (...). Isto é, não somente a imposição do saber europeu, mas na formulação subjugadora do pensar procurando excluir qualquer conhecimento não eurocêntrico o inferiorizando (...).¹¹⁷

Assim, os indígenas também tiveram que aceitar a língua e a religião do colonizador europeu. Para mais, foram retratados na literatura ora como selvagens sem alma, ora como inocentes, comparados a crianças ingênuas.

Á frente dos fatos expostos, verifica-se a dimensão do esbulho a que os povos indígenas foram submetidos desde o período da colonização. Concomitantemente a intensa desvalorização dos povos indígenas e da sua cultura, eles ainda são submetidos frequentemente ao racismo.

Estereótipos como “preguiçosos”, “ladrões” e “traíçoeiros”, correspondem a acusações não comprovadas, mas, que, de tanto repetidas, parecem juízos naturais. E, pior ainda, são usados como evidências que permitem justificar as medidas contra os índios e até mesmo ações genocidas.¹¹⁸

Portanto, é necessário que sejam criadas leis e políticas públicas eficazes que protejam os povos indígenas e seu patrimônio multicultural. É preciso conhecer para preservar. Se o brasileiro tomar ciência dos saberes ancestrais dos povos indígenas, e do quanto essa influência estende-se na sua vida atualmente, será capaz de perceber que a diversidade étnica que compõe o patrimônio do país deve ser respeitada e valorizada.

A construção do legado histórico e cultural do Brasil iniciou-se com os povos indígenas. Redescobrir sua história e seus saberes ancestrais será fundamental para legitimar esse patrimônio e ajudar a reescrever a história do país, dando mais visibilidade para o povo que, durante muito tempo foi apagado dos livros de História, mas que já estavam aqui muito antes da chegada dos europeus.

Cultura e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil: novas contribuições ao ensino. Uberlândia: RB Gráfica Digital Eireli, 2015, p. 276

¹¹⁷ SILVA, Ismael Pereira da. Educação, Interculturalidade e Saberes Indígenas. In.: FREITAS, Riva S. de. WECZENOVICZ, Thaís Janaína. (Orgs.). **Interculturalidade, Identidade de Gênero e Personalidade.** Joaçaba: Unoesc, 2021, p. 93-94

¹¹⁸ OLIVEIRA, João Pacheco de. Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito. In.: SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola:** Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004, p. 63

Referências bibliográficas

ACERVO ISA. **Instituto Socioambiental**. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/>. Acesso em 04 jul. 2024.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: Uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2016.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BENCINI, Roberta.; ALENCAR, Marcelo. A saga dos velhos brasileiros. **Revista Nova Escola**. São Paulo, ano XIV, nº. 121, p.10-21, abril de 1999.

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. (org.). **Vamos falar de literatura indígena?** Goiânia: Cegraf UFG, 2023.

BRASIL. [Constituição Federal (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 05 de outubro de 1988. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Ministério da Educação**. Brasília-DF.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas medicinais e o sagrado**: A etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. 1ª edição, São Paulo: Ícone, 2014.

CARNEIRO, Bruna Rodrigues. Arte indígena e cultura material: povos indígenas de Goiás. *In.*: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG, III., 2016, Pirenópolis, GO. **Anais**, Universidade Estadual de Goiás, 2016.

CENSO 2022. Panorama da população. *In.*: **IBGE**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 02 out. 2024.

COSTA, João Vitor.; RODRIGUES, Thayná. Manto Tupinambá, devolvida pela Dinamarca, deve ser exposto ao público em agosto no Museu Nacional. *In.*: **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/07/11/manto-tupinamba-devolvido-pela-dinamarca-deve-ser-exposto-ao-publico-em-agosto-no-museu-nacional.ghtml>. Acesso em 11 jul 2024.

COUTO, Jorge. **A construção do Brasil** - Ameríndios, Portugueses e Africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

DANNER, Leno Francisco.; DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Revista Remate de Males**. Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul/dez 2018

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1989.

DOMINGUES, Joelza Ester. O deslumbrante manto tupinambá de penas vermelhas de volta ao Brasil. In.: **Ensinar História**. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/o-deslumbrante-manto-tupinamba-de-penas-vermelhas/>. Acesso em 30 mai 2024.

DORRICO, Julie.; DANNER, Fernando.; DANNER, Leno Francisco. (Orgs.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Autoria, Autonomia, Ativismo**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

FRAGATA, Claudio. **O tupi que você fala**. São Paulo: Globo Livros, 2018.

G1 Amazonas. Amazonas passa a ter 16 línguas indígenas oficiais; saiba quais são. In.: **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/07/21/amazonas-passa-a-ter-16-linguas-indigenas-oficiais-saiba-quais-sao.ghtml>. Acesso em 02 out. 2024.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (org.). **Índio no Brasil**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

ISA, **Almanaque Brasil Socioambiental**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2007

ISA. A cura espiritual guarani. In.: **Terras Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/178388>. Acesso em 24 set. 2024.

_____. Línguas. In.: **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Acesso em 02 out. 2024.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

KARIRI-XOCO, Nhenety. Colar do índio. In: **Cultura digital, Cultura Popular, Blogs, História...** Disponível em: <https://kxnhenety.blogspot.com/2013/04/colar-do-indio.html>. Acesso em 23 nov 2024.

KOK, Glória. A fabricação da alteridade nos museus da América Latina: representações ameríndias e circulação dos objetos etnográficos do século XIX ao XXI. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 26, 2018.

LAGROU, Els.; VELTHEM, Lucia Hussak van. As artes indígenas: olhares cruzados. **Revista BIB**. São Paulo, n. 87, 3/2018, p. 133-156, 2018 (publicado em dezembro de 2018).

LIMA, Ademar dos Santos.; SOUSA, Rosineide Magalhães de. Povos Indígenas da Amazônia: do caminho da canoa à ressignificação das culturas e línguas. **Revista Tellus**. Campo Grande, MS, ano 21, n. 44, p. 31-52, jan./abr. 2021.

MANIÒ ARTES INDÍGENAS. Arte indígena brasileira: características e curiosidades. In.: **Manio**. Disponível em: <https://www.manio.com.br/pages/arte-indigena-brasileiras>. Acesso em 14 mai 2024.

_____. Colares indígenas. In.: **Manio**. Disponível em: <https://www.manio.com.br/collections/colares-indigenas?page=4>. Acesso em 15 jul 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. 3ª edição revista e atualizada. São Paulo: Callis, 2020.

PEREIRA, Tamiris Maia Gonçalves. **Saberes e fazeres Javaé**: estudo das práticas tradicionais alimentares indígenas, da década de 1990 a 2020. 2020. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

RETKO, Ana Mairlene Moleta. Arte plumária indígena brasileira. In.: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE 2013**: Produções didático pedagógicas. Volume II, Universidade Estadual de Ponta Grossa: Ponta Grossa, 2013.

RIBEIRO, Berta G. Arte indígena, linguagem visual. In: **Revista Ensaios de Opinião**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, n. 7, p. 101-110, 1978. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/arte-indigena-linguagem-visual>, acesso em 24 mai 2024.

RICARDO, Fany. (coordenação). **Povos Indígenas no Brasil mirim**. 2ª edição, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2020.

SANTOS, Benerval Pinheiro.; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de.; MANO, Marcel. (orgs.). **Cultura e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil**: novas contribuições ao ensino. Uberlândia: RB Gráfica Digital Eireli, 2015.

SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A temática indígena na escola**: Novos subsídios para os professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, 2004.

SILVA, Giovanni José da.; COSTA.; Anna Maria Ribeiro F. M. da. **Histórias e culturas indígenas na educação básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SOARES, Renato. Canoa, canoa desce...pro meio do rio, canoa desce. In.: **Conexão Planeta**. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/canoa-canoa-desce-pro-meio-do-rio-canoa-desce/>. Acesso em 12 ago 2024.

_____. A canoa sagrada dos Yawalapiti. In.: **Conexão Planeta**. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/a-canoa-sagrada-dos-yawalapiti/>. Acesso em 13 ago 2024.

SOUZA, Márcia de.; CUNHA, Suzi Laura da.; PIOVEZANNA, Leonel. Espaço criativo: proposições do “cesto literário” na escola indígena. In: **Revista de Ciências Humanas**. Frederico Westphalen, RS, v. 23, n. 3, set/dez, 2022.

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Cores, lutas e tradições: o STJ como campo de debate e de afirmação dos direitos dos povos indígenas. In.: **STJ**. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/16042023-Cores--lutas--tradicoes-o-STJ-como-campo-de-debate-e-de-afirmacao-dos-direitos-dos-povos-indigenas.aspx>. Acesso em 15 jul 2024.

TAMANÁ, Luciana Mendes.; NASCIMENTO, Ronélia do. Arte plumária Munduruku na aldeia nova Munduruku In.: **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Maio./Set, Vol. 1, n. 8, 2021

TEAO, Kalna Mareto. Classificação dos povos indígenas pela diversidade linguística: troncos e famílias linguísticas. In.: HARTUIG, Adriana V. G.; ...[etc tal...]. **Cultura e história dos povos indígenas**. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, RS, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.

TOFFOLI, Daniel.; MANSUR, Gustavo. Conheça as populações tradicionais residentes no interior da Apa Caiuruçu, representando as culturas caiçara, quilombola e indígena. In.: **ICMBio**. Disponível em <https://www.icmbio.gov.br/caiuruçu/visitacao/atrativos-culturais.html?showall=1&limitstart=https://www.icmbio.gov.br/caiuruçu/visitacao/atrativos-culturais.html?showall=1&limitstart=>. Acesso em 17 fev de 2024.

UNIDADE EMBRAPA MANDIOCA E FRUTICULTURA. In.: **Embrapa**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/mandioca>. Acesso em 01 mar 2024.

YAMAGUTI, Bruna. Dança da chuva: saiba o que é o que representa para os povos indígenas. In.: **Correio Braziliense**. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2020/09/4872900-danca-da-chuva--saiba-o-que-e-o-que-representa-para-os-povos-indigenas.html>. Acesso em 24 jul 2024.